

**COLEÇÃO LIVRE-PENSAR:
ESPIRITISMO PARA O SÉCULO XXI**

Série 2

Espiritismo e Humanismo

Jon Aizpúrua



CPDoc
Centro de Pesquisa e
Documentação Espírita

cepa 
ASSOCIAÇÃO ESPÍRITA INTERNACIONAL
ASOCIACIÓN ESPÍRITA INTERNACIONAL
INTERNATIONAL SPIRITIST ASSOCIATION

Livro 10

COLEÇÃO LIVRE-PENSAR:
ESPIRITISMO PARA O SÉCULO XXI

Série 2

Espiritismo e Humanismo

Jon Aizpúrua

Tradução: Eliana Pantoja

Série 2 - Livro 10
2026



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angelica Ilacqua CRB-8/7057

Aizpúrua, Jon

Espiritismo e humanismo [livro eletrônico] / Jon Aizpúrua ;
tradução de Eliana Pantoja. -- [S.l.] : CPDoc ; CEPA, 2026.

2700 Kb ; PDF (Coleção livre-pensar: espiritismo para o século
XXI ; Série 2 ; Livro 10 / organizado por Ademar Arthur Chioro
dos Reis, Mauro de Mesquita Spínola, Ricardo de Moraes Nunes)

ISBN 978-65-89240-45-7

1. Espiritismo 2. Humanismo I. Título II. Reis, Ademar Arthur
Chioro dos III. Spínola, Mauro de Mesquita IV. Nunes, Ricardo de
Moraes V. Pantoja, Eliana VI. Serie

26-0052

CDU 133.7

CDD 133.9

Organizadores da Coleção

Ademar Arthur Chioro dos Reis, Mauro de Mesquita Spínola e
Ricardo de Moraes Nunes

Tradução

Eliana Pantoja

Revisão Final

Ademar Arthur Chioro dos Reis

Projeto Gráfico, Capa e Diagramação

Magda Zago

As ideias e teses apresentadas neste livro são de responsabilidade do autor e não refletem, necessariamente, a posição institucional da CEPA e do CPDoc.

APRESENTAÇÃO

“(...) o livre-pensamento eleva a dignidade do homem; dele faz um ser ativo, inteligente, em lugar de uma máquina de crer”.

Allan Kardec (Revista Espírita, fevereiro, 1867)

A Associação Espírita Internacional (CEPA) e o Centro de Pesquisa e Documentação Espírita (CPDoc) lançaram, em abril de 2021, a **Coleção Livre-Pensar: espiritismo para o século XXI**.

A primeira série da coleção teve como objetivo apresentar, de forma sintética, mas conceitualmente precisa, os fundamentos teóricos do chamado espiritismo laico e livre-pensador, que vem se desenvolvendo em diversos países das Américas e da Europa nos últimos anos.

Editada em quatro idiomas — português, espanhol, inglês e francês —, a série visa divulgar o espiritismo laico e livre-pensador de maneira ampla e acessível.

Essa abordagem representa um novo olhar sobre o espiritismo fundado por Allan Kardec em 1857 com a publicação de sua obra inaugural, *O Livro dos Espíritos*, e sua posterior institucionalização e popularização em distintas regiões do mundo. À medida que se difundia, o espiritismo foi sendo influenciado pelos contextos históricos, culturais e religiosos de cada país e época.

No Brasil, por exemplo, o espiritismo encontrou um ambiente moldado pela tradição católica, resultando em sua assimilação como mais uma religião cristã. Isso comprometeu os princípios de racionalidade e livre-pensamento propostos originalmente por Kardec.

Esse processo sincrético, observado também em outros países, reduziu o espiritismo a uma “religião menor”, distanciando-o de sua vocação epistemológica e esvaziando seu potencial para contribuir com o campo do conhecimento, especialmente nas áreas da ciência e da filosofia.

Diante disso, os espíritas reunidos em torno da CEPA e do CPDoc propuseram uma releitura do pensamento espírita, com o intuito de resgatar a proposta generosa de Allan Kardec: uma filosofia espiritualista, laica, livre-pensadora, humanista e progressista, alinhada com os avanços do conhecimento, da ética e da espiritualidade no mundo contemporâneo.

A **Série 1 da Coleção Livre-Pensar** apresentou ao público alguns temas fundamentais do espiritismo sob essa nova perspectiva, buscando esclarecer tanto o público espírita quanto os interessados na temática. Os oito volumes que a compõe foram elaborados por intelectuais oriundos dos movimentos espíritas da Argentina, Brasil, Espanha e Venezuela, e estão disponíveis gratuitamente nos sites da CEPA e do CPDoc. As obras seguem critérios de clareza, concisão e precisão, tratando dos seguintes temas:

- O espiritismo na perspectiva laica e livre-pensadora

Milton Rubens Medran Moreira (Brasil) e Salomão Jacob Benchaya (Brasil)

- A imortalidade da alma

David Santamaria (Espanha)

- **Mediunidade: intercâmbio entre dois mundos**
Yolanda Clavijo (Venezuela) e Ademar Arthur Chioro dos Reis (Brasil)
- **Reflexões sobre a ideia de Deus**
Ricardo de Moraes Nunes (Brasil) e Dante Lopez (Argentina)
- **Reencarnação: um revolucionário paradigma existencial**
Mauro de Mesquita Spínola (Brasil)
- **A evolução dos espíritos, da matéria e dos mundos**
Gustavo Molfino (Argentina) e Reinaldo Di Lucia (Brasil)
- **Espiritismo, ética e moral**
Jacira Jacinto da Silva (Brasil) e Milton Rubens Medran Moreira (Brasil)
- **Allan Kardec: o fundador do espiritismo**
Wilson Garcia (Brasil) e Matheus Laureano (Brasil)

Nas palavras de José Herculano Pires, importante filósofo espírita brasileiro, o espiritismo ainda é o “grande desconhecido”. Persistem sombras de incompreensão que ocultam seu brilho original como proposta filosófica inovadora, voltada à razão e aos fatos à luz do pensamento moderno.

A **Série 1** contribui para uma visão abrangente e contra-hegemônica do espiritismo, buscando diálogo e alteridade frente às correntes predominantes no movimento espírita.

Agora, a CEPA e o CPDoc apresentam ao público a **Série 2** da coleção, com o tema central **Espiritismo e Sociedade**. Esta nova etapa visa dar continuidade ao exitoso projeto editorial, abordando questões contemporâneas essenciais à humanidade.

Os livros da **Série 2** tratam das relações entre espiritismo e temas sensíveis e atuais como política, humanismo, trabalho, racismo, crise climática, sustentabilidade, fundamentalismo religioso, gênero, sexualidades, papel da mulher na sociedade, ideologia e comunicação de massas.

Os autores foram convidados a dialogar com a obra de Kardec, adotando a abordagem laica e livre-pensadora, em contraponto ao espiritismo religioso. Suas contribuições refletem atualizações pós-kardecistas e buscam aplicar o pensamento espírita a dilemas e desafios do século XXI, considerando também a atualização da linguagem e dos conceitos.

A proposta é aprofundar o processo iniciado com a **Série 1** e fortalecer a consolidação do espiritismo laico, progressista e livre-pensador. Para garantir

diversidade de ideias, nacionalidades e gêneros, evitou-se repetir autores da primeira série. Algumas obras foram produzidas por autores individuais, outras por duplas, trios ou equipes maiores.

Agradecemos aos autores e organizadores que, generosamente, cederam os direitos autorais das obras à CEPA e ao CPDoc. Cada livro foi orientado por um termo de referência que visou garantir unidade temática e editorial, respeitando a liberdade de expressão dos autores.

As ideias e teses apresentadas são de responsabilidade dos autores e não refletem, necessariamente, a posição institucional da CEPA e do CPDoc.

A **Série 2** é oferecida como material de referência e apoio didático a estudiosos, divulgadores do espiritismo e organizadores de cursos, palestras e grupos de estudo. Tal como a **Série 1**, esta nova etapa visa fomentar o debate saudável e plural sobre temas relevantes ao espiritismo.

A coleção é publicada no espírito do diálogo, não para estabelecer divisões sectárias, mas para afirmar identidades, construir pontes e promover intercâmbio com espíritas de diferentes correntes e com não espíritas interessados na temática.

Reiteramos o público-alvo da coleção: espíritas vinculados à CEPA, espíritas de outras tradições e não espíritas interessados nas questões tratadas.

Se cumprir esse propósito, a **Série 2 da Coleção Livre-Pensar: espiritismo para o século XXI** terá plenamente atingido seus objetivos.

Organizadores

*Ademar Arthur Chioro dos Reis - Mauro de
Mesquita Spínola - Ricardo de Moraes Nunes*

Durante o ano de 2026, a CEPA terá comemorado 80 anos de existência. Este é um marco importante não apenas para nós, como coletivo, mas para todo o movimento espírita mundial. Com essa efeméride, marca-se um capítulo importante na história da organização espírita de representação mundial mais antiga do mundo, em funcionamento ininterrupto.

Esses primeiros 80 anos ocorreram em um agitado século XX e um primeiro quarto do século XXI que nos traz novos desafios e oportunidades. A Lei do Progresso, proposta no esboço de Kardec apresentado em "*O Livro dos Espíritos*", nos serve de referência. Nem tudo progride simultaneamente e em todos os âmbitos ao mesmo tempo, assim como nem todos os indivíduos têm seu progresso pessoal subordinado ao progresso de outros. Compreendido dessa maneira, com uma visão panorâmica e ampla, vemos como progresso, mudança e movimento são constantes universais. Olhando para

o universo quântico, para o universo físico e para o universo moral, que constituímos cada um de nós, notamos como o Progresso é Lei.

Assim também tem sido o progresso da CEPA – Associação Espírita Internacional. De um movimento representativo e confederativo vanguardista, a uma associação de organizações, coletivos e indivíduos que se encontram em uma mesma onda de pensamento, em uma mesma direção: apresentar e representar a mensagem espírita com a linguagem dos tempos, atendendo às questões do presente e sempre dialogando com o conhecimento e a sociedade contemporânea. Ou seja, representando o ideal do espiritismo desde uma perspectiva atualizada e fresca, sempre.

O pensamento espírita de hoje está mais exposto do que nunca à análise, ao escrutínio, à crítica e ao encontro das pessoas que têm sede por uma espiritualidade amorosa, empática e solidária, que não fiquem ruminando nos atavismos religiosos de outrora. Esse é o terreno fértil que nem sempre é cultivado, mas que constitui nossa especialidade. Cada vez mais mulheres e homens buscam encontrar-se a si mesmos e identificar-se como Espíritos, procurando uma linguagem que satisfaça

sua curiosidade intelectual, seu pensamento crítico e sua personalidade livre-pensadora.

Os frutos da influência da CEPA – Associação Espírita Internacional, são vistos e ampliados a cada momento no meio espírita. Cada vez mais indivíduos e coletivos se encontram conosco, compreendendo que o espiritismo, desde uma perspectiva não religiosa, tem muito a oferecer e efetivamente nos liberta de ancestrais e pesadas correntes culturais e comportamentais. Como organização, não podemos nos atribuir o mérito disso de maneira exclusiva. Porque o fato de que hoje em dia continuem se aproximando mais pessoas a uma visão abrangente, livre-pensadora, progressista e laica do espiritismo, também responde ao aumento na qualidade dos estudos, análises e pesquisas que se realizam em diferentes campos do saber, sobre temas que o espiritismo aborda. Ou seja, à medida que os indivíduos progredem, também progride a maneira como se apresentam e elaboram as ideias, os discursos, as proposições e as propostas.

Aqui entra em jogo esta proposta editorial da CEPA que é a **Coleção Livre-Pensar: espiritismo para o século XXI**. Esta segunda série de livros nos servirá de fórum ou de espaço de ressonância, a partir do

qual representamos e apresentamos ao mundo uma proposta espírita:

1. *deísta*; que encontra na Causa Primária, em Deus, o ponto de partida de todos e de tudo;
2. *imortalista*; que compreende a imanência da existência do Ser, individualizado e permanente;
3. *progressista e evolucionista*; que compreende a importância da vida física com suas responsabilidades ecológicas, econômicas e sociais, como cenário de aprendizado e reforço para o Espírito;
4. que se desenvolve em *diálogo* com os *Espíritos*, ou seja, com os seres humanos sem corpo físico, que nos oferecem suas vivências, perspectivas, conselhos ou advertências na construção de um conhecimento prático, fraterno e sempre vivo;
5. que reconhece na *solidariedade universal* algo mais do que uma experiência pessoal ou de especulação, mas uma realidade inegável: a Terra é nossa escola-lar atual e o universo está cheio de oficinas e cenários que também estão disponíveis para nós e para aqueles que nos precederam, assim como para aqueles que estão entrando em consciência.

Embora não seja um processo garantido, assegurado ou linear, espera-se que com o passar do tempo os indivíduos amadureçam suas ideias, atitudes, visões e avaliações. Essas expectativas fazem parte da dinâmica humana; mas às vezes chocam com uma realidade diferente, que, aparentemente, pode não ocorrer na velocidade almejada. Notamos, muitas vezes, que as pessoas repetem velhos e caducos refrões, que conservam atitudes infantis ou que se empenham em se opor às mudanças, ao progresso e desprezam como utópicas as ideias que não compreendem.

Sabendo disso, não deve nos surpreender que as organizações e as instituições, de qualquer natureza - social, política, filosófica, religiosa, econômica, entre outras - sejam o reflexo amplificado disso. Afinal, as organizações e as instituições, assim como a sociedade em si, são a representação do conjunto dos indivíduos que as compõem. Por isso notamos coletivos com resistência, com inércia, com ressentimento e com desinteresse diante das mudanças que implicam reconsiderar posturas e amadurecer as atitudes e ideias.

O espiritismo, como filosofia espiritualista de consequências morais, terá esse tipo de natureza

ressentida e estacionária e imatura? Nos parece que a resposta é óbvia: **NÃO!**

Assim, propomos algo a quem nos lê: desfrute desta leitura, analise cada livro, tome notas, escreva perguntas e participe dos eventos onde se encontram as autoras e autores que contribuíram com cada um dos livros que compõem a Coleção Livre-Pensar. Traga-nos suas inquietudes e dialoguemos a respeito. Afinal, assim se constrói o conhecimento, assim se cresce, assim se aprende.

Confiamos plenamente que a Coleção Livre-Pensar tocará sua vida de maneira positiva. Então, obrigado por nos ler e permitir-nos contribuir com algo positivo.

José E. Arroyo

Presidente da CEPA – Associação Espírita Internacional

O CPDoc é atualmente um dos mais antigos centros de pesquisa do espiritismo em funcionamento no Brasil. Seu principal objetivo é o desenvolvimento e a divulgação de estudos e pesquisas com temática espírita, utilizando metodologia adequada para cada tema e contribuições das várias áreas do conhecimento. Busca, assim, contribuir para o aprimoramento do conhecimento como um todo e do espiritismo em particular.

O CPDoc nasceu em Santos (SP) no ano de 1988, fruto do sonho de jovens interessados em incrementar os estudos espíritas. Hoje possui participantes de vários estados brasileiros e de outros países. Os trabalhos são divulgados através de seu portal, em livros, nos órgãos da imprensa e em diversos eventos, especialmente no Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita e nos Congressos e Conferências da CEPA, entidade à qual aderiu no ano de 1995.

Num mundo em que a superficialidade do conhecimento, a informação rasa e

sem controle, a ausência de pensamento crítico predominam, o CPDoc segue tentando propiciar aos estudantes e estudiosos do espiritismo o olhar perscrutador do futuro. É sempre utopia, é sempre sonho, mas foi assim que ele começou e, apesar de algum cansaço natural que o passar dos anos gera, o grupo ainda flerta com a crença no saber que gera reflexão e mudança de paradigmas e de atitude. Para o indivíduo e para a sociedade.

Sem pretensão de apontar um caminho, mas com a certeza de que a luz do conhecimento crítico, não dogmático, humanista e livre de qualquer imposição de cunho institucional pode resultar em algo efetivo nessa busca que começou em 1857 na França e que insistimos em manter viva: a busca da felicidade pela compreensão do que é a vida.

Informações, livros e trabalhos publicados, eventos promovidos pelo CPDoc e cursos on-line estão disponíveis no portal do grupo: <http://www.cpdocespirita.com.br>.

Saulo de Meira Albach

Presidente do CPDoc - Centro de Pesquisa e
Documentação Espírita

Ao Conselho Executivo da CEPA – Associação Espírita Internacional pelo apoio incondicional ao projeto da Coleção Livre-Pensar: espiritismo para o século XXI;

Aos membros do Centro de Pesquisa e Documentação Espírita (CPDoc) pela leitura crítica e sugestões que permitiram qualificar o nosso trabalho;

A Jacira Jacinto da Silva pelo prefácio;

A Tainá Camilo Rodrigues Chella pela tradução para o francês;

A Eliana Pantoja pela tradução para o português;

A José Arroyo e Danette Lebrón pela tradução para o inglês;

A Magda Selvera Zago pelo projeto gráfico, capa e diagramação.

PREFÁCIO

Foi com extrema honra e grande alegria que aceitei escrever o prólogo desta obra, escrita por Jon Aizpúrua, o maior símbolo do espiritismo genuinamente kardecista, laico e livre de qualquer condicionamento dos tempos atuais.

Não conheço outra personalidade com a mesma estatura intelectual que tenha acumulado, ao longo da vida, um conhecimento tão vasto, tanto no âmbito espírita quanto no saber geral, com sua lucidez e sua capacidade crítica, ponderação e discernimento, suficientes para enfrentar qualquer questionamento.

Considero o tema oportuno e extremamente necessário em um momento em que muitas atitudes se mostram completamente desprovidas de racionalidade. O mundo está dividido e, aparen-

temente, há muitas pessoas que não se importam com o que os outros sentem, vivendo em função de interesses aparentes, custe o que custar. No entanto, não é isso o que os seres humanos devem buscar, especialmente quando têm uma noção do espiritismo, quando veem esta vida como uma mera oportunidade. O humanismo espírita reconhece nos seres humanos todas as potencialidades para as mudanças necessárias; acredita que os seres humanos são os únicos capazes de resolver os problemas humanos e proporcionar uma vida de paz para a humanidade.

Antes de nos adentrarmos no conteúdo da obra, vale ressaltar que este livro se apresenta como um verdadeiro presente, visto que a estatura de seu autor nos permite o contato direto com as informações mais atualizadas sobre o humanismo.

São reflexões profundas, baseadas em pensadores antigos e modernos, que nos permitem refletir sobre o humanismo a partir de várias vertentes, a começar pela da educação.

Logo no início do texto, há uma lista de princípios e valores que o autor considera característicos do humanismo espírita, citando expressamente a escolha pelas virtudes, como a compaixão, justiça, liberdade, igualdade e solidariedade, dentre outras,

todas inseridas – direta ou indiretamente – no conjunto dos direitos humanos.

O autor esclarece o leitor sobre o humanismo e o humanitarismo, conceitos que se fundem, mas não se confundem. Enquanto o primeiro está centrado no reconhecimento do valor e da autonomia do ser humano, o segundo se define a partir de uma atitude ou ação prática que busca aliviar o sofrimento humano.

Trabalha o conceito de humanismo histórico e universalista, escrevendo de forma direta e simples, desde aproximadamente o ano de 1400 — quando surge — até sua plenitude no Renascimento, constituindo-se como um eixo articulador de disciplinas e áreas de criatividade. O humanismo universalista abrange vários humanismos, que geralmente são expressos sob rótulos como humanismo utópico, positivista, marxista, socialista, libertário, existencialista, cristão, laico, espiritualista e inclusive foi proposto explicitamente um humanismo ateu. Nestes humanismos cabem todos os saberes e interpretações.

É muito oportuna a conclusão do autor de que o espiritismo é um humanismo que defende uma antropologia transcendental, a qual, embora tenha raízes deístas e espiritualistas, centra a

sua preocupação ética e social no ser humano, encarnado ou desencarnado, ao mesmo tempo em que incentiva o seu papel de protagonista na luta permanente que deve travar para enfrentar as vicissitudes da vida.

Talvez resida neste ponto a grande contribuição deste livro, já que o autor enfoca no ser humano, convidando-nos a pensar que o espiritismo contribui para a evolução humana, transformando-nos em pessoas melhores, conscientes da responsabilidade que temos em relação à evolução do planeta e das relações humanas. Deixa muito claro que não se deve esperar que as melhorias desejadas venham dos outros, mas sim lutar por elas e fazê-las acontecer.

Ao dissociar o espiritismo das concepções religiosas, o autor concebe o humanismo espírita com identidade própria, situando o espírito na eternidade, como um ser preexistente, existente, coexistente e subsistente, que utiliza a capacidade humana em vez de agir por impulso ou ignorância; em suma, nem religião nem materialismo.

Trata de um modelo humanista espírita que promove a ação, a descoberta e o impulso, sem valorizar o ser humano desconectado de seu momento histórico ou insensível às exigências

do progresso social, tanto nas relações com os outros quanto em tudo o que o vincula aos seres vivos e à natureza como um todo. Com foco no ser humano, promove a curiosidade, o estudo e, conseqüentemente, a evolução.

Em uma perspectiva otimista, traduz um humanismo espírita orientado para o progresso, centrado no ser humano atual, a partir de sua história e com vista ao futuro, sem ver nas concepções teológicas fundamentalistas — cujo eixo é a exaltação da vida espiritual — a única saída, como se esta estivesse dissociada da vida material. Também esclarece, de forma pertinente, que a visão genuinamente espírita não concorda com a visão religiosa que concebe o mundo como um “vale de lágrimas”, onde todos sofrem punições divinas por um suposto pecado original e se submetem resignadamente à dor como prova inevitável para sua redenção.

É gratificante ler a obra, escrita com liberdade, mas repleta de conteúdo, que convida à reflexão, expressando uma visão altruísta do espiritismo, na qual o espírito constrói o seu caminho e é responsável pelas conseqüências de suas decisões livres. Dessa forma, a ética derivada do humanismo espírita promove compromissos que configuram uma cultura moral e espiritual capaz de oferecer

à humanidade uma alternativa universalista, progressista e amorosa. Assim, será no amor divino, infinito, onde a humanidade encontrará os recursos necessários para o seu crescimento, com novas oportunidades em sucessivas encarnações até a construção de um mundo melhor, plenamente civilizado, onde seus habitantes desfrutem de um grau cada vez maior de felicidade.

A obra apresenta um conjunto de considerações gerais para facilitar a compreensão das teses essenciais do humanismo espírita no mundo contemporâneo, organizadas em capítulos sequenciais, cujos títulos constituem um convite à leitura.

Começa com “a condição humana e o autoconhecimento” e continua com “rumo a uma espiritualidade laica”, “sociologia espiritual”, “para uma educação de base humanística”, “elogio à paz”, “por uma ecologia integral”, “a felicidade como caminho”, “espiritismo e progresso”, “humanismo versus transhumanismo”, e conclui com a “exortação humanista à prática do bem”, na qual o autor considerou oportuno incluir o poema “O prazer de servir”, da refinada poetisa chilena Gabriela Mistral, como uma expressão fiel do humanismo e da espiritualidade.

Segundo o autor, os versos constituem um convite para superar a cultura do individualismo e promover a cultura da cooperação, formando um belo hino ao amor, à ternura e ao serviço, ou seja, aos mais elevados valores proclamados por um humanismo com raízes espirituais.

Trata-se de uma obra de grande valor cultural e espírita, que traduz os princípios elementares dessa filosofia e propõe um modo de viver a vida dignificando a oportunidade de estar neste mundo, em busca da melhor construção possível de cada um.

Gosto de destacar o valor deste livro, especialmente quando aborda questões sociais. O espiritismo trata o ser humano em sua integralidade e, portanto, em suas relações com a sociedade. Na terceira parte de *O Livro dos Espíritos*, encontramos um verdadeiro compêndio de orientações seguras para a construção do caminho humano. Sendo os direitos humanos a base de todos os outros, o autor não deixa de destacar o valor que Kardec atribui à vida em sociedade, na qual devem ser observados os princípios de uma convivência pacífica e respeitosa. E, magnanimamente, nos lembra do nosso dever não apenas de nos comovermos com os problemas

da realidade, mas de agirmos para transformá-la, pois não basta nos preocuparmos com a maldade que existe no mundo: é urgente combatê-la.

Além disso, destaca a democracia como parte integrante do espiritismo, reconhecendo-a como um valor essencial para o atual estágio evolutivo da humanidade, sem o qual cairíamos no autoritarismo. Liberdade, igualdade e fraternidade aparecem no texto como princípios fundamentais. Isso nos lembra de Jesus de Nazaré, de cujo magistério bastaria o ensinamento de não fazer aos outros o que não queremos que nos façam, de tal importância que, mesmo após vinte séculos, ainda não conseguimos compreender plenamente o seu alcance.

A obra é verdadeiramente inspiradora; além de ser altamente instrutiva, convida-nos a refletir sobre a vida em sua totalidade, proporcionando conhecimento de uma maneira prazerosa.

Que a sua leitura lhe seja tão proveitosa quanto foi para mim, e que enriqueça seus múltiplos saberes.

Jacira Jacinto da Silva
Presidenta da CEPA Internacional (2016-2021)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO - HUMANISMO ESPÍRITA. POR QUE E PARA QUÊ?	31
Princípios e valores que dão sentido ao humanismo espírita	33
Humanismo e humanitarismo	45
O "além" em relação ao "aqui"	46
O que significa ser um espírita humanista hoje?	47
1. DUAS PERSPECTIVAS SOBRE O HUMANISMO	54
Humanismo histórico	55
Humanismo universalista	64
2. HUMANISMO ESPÍRITA	69
Nem religião nem materialismo	74
Encarnados e desencarnados	76

Espírito, história e sociedade	79
Compromisso espírita	81
3. A CONDIÇÃO HUMANA E O AUTOCONHECIMENTO	85
Conhece-te a ti mesmo!	85
Deus, criação e evolução cósmica	87
4. RUMO A UMA ESPIRITUALIDADE LAICA	93
Laicismo e estado laico	93
Laicismo e espiritismo	96
Por uma espiritualidade laica e amorosa	97
5. SOCIOLOGIA ESPIRITUAL	100
Preocupação espírita com os problemas humanos	100
Espiritismo, democracia e progresso social sem vínculos partidários	106
Referências básicas de uma doutrina social espírita	108
6. POR UMA EDUCAÇÃO DE CARÁTER HUMANISTA	117
Humanismo e tecnologia	117
Humanismo e utilidade econômica	118
O que é realmente educar?	122
Espiritismo e educação	126
Experiências na Espanha, Brasil e Argentina	129
Educando o espírito	133

7. ELOGIO DA PAZ	138
Paz interior e paz social	138
Não às guerras	139
Paz e direitos humanos	141
8. POR UMA ECOLOGIA INTEGRAL	145
Preservação da natureza	145
Ecología espiritual	148
9. A FELICIDADE COMO CAMINHO	151
10. ESPIRITISMO E PROGRESSO	156
Espiritismo progressista	156
Espiritismo progressivo	161
11. HUMANISMO VERSUS TRANSHUMANISMO	165
CONCLUSÃO - EXORTAÇÃO HUMANISTA À PRÁTICA DO BEM	171
INDICAÇÕES DE LEITURAS DE INTERESSE	176
INDICAÇÕES DE SITES DE INTERESSE	176
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	177
SOBRE O AUTOR	179

INTRODUÇÃO

HUMANISMO ESPÍRITA. POR QUE E PARA QUÊ?

Ao aceitar a proposta do Centro de Pesquisa e Documentação Espírita (CPDoc) e da CEPA- Associação Espírita Internacional para escrever um breve ensaio sobre a relação entre espiritismo e humanismo, a ser publicado na Coleção Livre-Pensar, experimento um profundo sentimento de gratidão pela honra concedida e alegria pela oportunidade de poder expressar o que esses dois conceitos filosóficos sempre significaram ao longo da minha vida: o conhecimento do espírito em suas amplas dimensões, seja encarnado ou desencarnado, e a compreensão da centralidade humana, ou melhor, da colocação do ser humano no centro das minhas preocupações. Ambas as referências me

serviram de norte para orientar e configurar o meu pensamento em plena harmonia com um paradigma de espiritualidade livre e aberta, estabelecido em um mundo global caracterizado pela pluridiversidade.

Separo a noção de espiritualidade de quaisquer das prédicas religiosas, ou pelo menos, não a fundamento nelas. A maioria das religiões, com seus dogmas e condenações, com um discurso exclusivista que as levou a se proclamarem donas da verdade, com sua pretensão de impor uniformidade em todas as áreas da existência humana, com sua institucionalização e apego ao poder e aos benefícios dele derivados, com seu fundamentalismo que muitas vezes leva a violações dos direitos humanos, perverteram o significado autêntico da espiritualidade, como uma elevada manifestação de amor incondicional concreto e íntimo, de sensibilidade e serviço mediante o sofrimento do próximo, instrumentalizando-a para fins espúrios e apagando-a de seu horizonte.

Abordo a espiritualidade a partir de uma concepção **espiritualista** e **antropológica**. Primeiramente, adoto como premissa o reconhecimento do espírito como categoria ontológica e gnoseológica, que define a entidade inteligente que habita em nós, que anima a vida, pensa, conhece e sente, que

continua após a morte do corpo físico e evolui em sucessivas existências. Essa visão, espiritualista e mais especificamente espírita, me inclina a simpatizar com aqueles que reivindicam o direito de toda criatura humana de sentir uma emoção de abertura e respeito pelo Mistério que nos rodeia e que, sendo inefável, não pode ser descrito com palavras, ou a experimentar uma conexão íntima com o Divino que nos transcende, com Deus, seja qual for a sua maneira de concebê-lo, compreendê-lo ou adorá-lo, sem a necessidade de intermediários, intérpretes ou censores.

De acordo com uma perspectiva antropológica centrada principalmente no ser humano como um complexo biopsicossocioespiritual, deve-se ter em mente que são inerentes ao espírito sua corporeidade, sua sociabilidade, sua historicidade, sua subjetividade, sua emocionalidade, sua afetividade, sua idiosincrasia, bem como a variabilidade e a imprevisibilidade de suas inclinações e tendências de ordem psicológica.

Princípios e valores que dão sentido ao humanismo espírita

Partindo da convicção espírita e livre-pensadora que me identifica, nascida do meu encontro com Kardec aos dezoito anos e cultivada

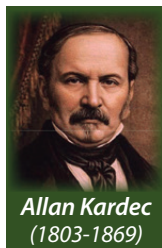
ininterruptamente até o presente, estou convencido de que o humanismo mantém sua vigência e atualidade, não apenas como uma tradição venerável que remonta a Petrarca e aos pensadores renascentistas que se dedicaram aos estudos das ciências humanas e ao cultivo das artes liberais, colocando o humano no centro de sua reflexão, mas também como uma visão de mundo que orienta as ideias e práticas sociais, como um exercício concreto de amor e compaixão, como fundamento de valores essenciais e direitos que são inerentes a todas as pessoas, independentemente de sua origem, sexo ou idade, e que apresento aqui em uma breve síntese:

- **Amor pela vida**, que deve sempre ser encarado como uma oportunidade para crescer, realizar sonhos, enfrentar os desafios, superar as dificuldades e caminhar rumo à conquista da felicidade, que é o objetivo natural do espírito em sua jornada evolutiva. Em sintonia com uma visão holística, o amor à vida se corresponde com o amor à natureza, na medida em que encontro prazer e desfrute da natureza, em vez de sua exploração; uma manifestação de respeito e afeição pelo meio ambiente natural, e não de sua depredação.
- **Opção pelas virtudes**, entendidas em um sentido ético e filosófico, e não teológico. Começando

pela superação do egoísmo, do orgulho e dos hábitos nocivos, o cultivo das virtudes na vida quotidiana constitui a base de um autêntico crescimento integral, que se manifesta na saúde física, mental, moral, social e espiritual.

- **Amor à família**, ponto de partida da jornada humana rumo à maturidade das pessoas, cenário propício para relações saudáveis recíprocas, a espinha dorsal da sociedade. De acordo com Kardec em *O livro dos espíritos*:

“Os laços sociais são necessários para o progresso, e os laços familiares tornam mais estreitos os vínculos sociais. É por isso que os laços familiares constituem uma lei da natureza” (KARDEC, 1992, p.273).

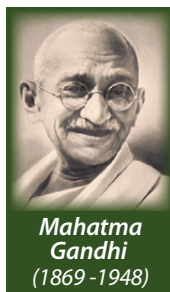


Obviamente, essa abordagem visa à formação de famílias saudáveis, ou seja, aquelas que têm o amor como elemento fundamental da relação entre seus membros, pois, caso contrário, elas se tornam agrupamentos de pessoas ligadas biológica e legalmente, formando uma estrutura fria, distante e exposta a profundas oscilações. A família constituída de maneira saudável, concebida como a célula essencial da sociedade, contribui para o progresso geral e a evolução

espiritual, proporcionando oportunidades para a reencarnação dos espíritos.

A família e o Estado são instituições indispensáveis em todas as sociedades, cada uma cumprindo suas finalidades específicas. A família, seguida da escola, constitui o primeiro e principal canal para a transmissão de valores e atitudes, e sua defesa não se contradiz com o reconhecimento do papel que necessariamente cabe ao Estado em garantir o respeito e o cumprimento dos direitos fundamentais de todos os cidadãos, a vigência das liberdades e o equilíbrio entre as funções públicas e a concorrência de mercado.

- **Compaixão**, como uma atitude que mobiliza o nosso lado mais amoroso e solidário e que, ao ser exercida nos proporciona uma agradável sensação de bem-estar interior. Comover-se com o infortúnio do outro implica reconhecê-lo como humano e também implica tornar-se mais humano. Em suas preleções, Gandhi nunca se cansava de lembrar que o amor e a compaixão são as forças mais humildes, mas ao mesmo tempo as mais poderosas que o mundo possui.



- **Progresso**, fundado em uma concepção esperançosa do télos espiritual, do propósito evolutivo do ser humano como espírito encarnado rumo a novas conquistas, sem deixar de assumir o fracasso a que as ações humanas podem levar, não como um momento final, mas como uma etapa na jornada da qual emerge fortalecido. O progresso geral é uma tendência irrefreável, e o grande desafio continua sendo alcançar a paridade entre o progresso intelectual e o progresso moral.
- **Justiça**, entendida como o desejo universal de que cada ser humano receba o que lhe corresponde. Apesar de sua relatividade histórica e de ser objeto de complexas discussões filosóficas, a análise racional da justiça permite reconhecer que ela se identifica plenamente com o princípio da igualdade, pois a verdadeira justiça só é alcançada quando se aceita que todas as pessoas são iguais em seus direitos. Em sentido amplo, a justiça social exige uma distribuição razoável e equitativa dos bens deste mundo, que são patrimônio comum da humanidade e não propriedade de poucos. Consequentemente, o sentimento de justiça é complementado pela atitude de resistência pacífica e não submissão diante da injustiça.

- **Liberdade**, entendida como uma dimensão fundamental inerente à condição humana. Mesmo quando exposta a diversas influências internas e externas, psíquicas, biológicas e sociais, toda pessoa é um espírito encarnado, dotado de livre-arbítrio, sendo, portanto, um ser autônomo e independente, capaz de pensar e discernir, de escolher e rejeitar, possuindo um poder criativo e integrador que lhe permite exercer sua liberdade acima destes condicionamentos. Portanto, todas as formas de escravidão são contrárias à natureza humana, e quando uma pessoa, uma família, uma minoria social ou um povo inteiro são privados de sua liberdade, são despojados de sua dignidade.
- **Liberdade de consciência e de pensamento**, favorecendo o uso da razão sem restrições dogmáticas. Todos os seres humanos têm o direito à autodeterminação no estilo de vida que adotam, na orientação ideológica, na crença religiosa ou política que os satisfaz, na intimidade e na sexualidade que exercem e desfrutam de forma honesta e responsável.
- **Formação** intelectual e moral abrangente, que envolve aprendizado, busca, pesquisa, reflexão e pensamento crítico, dando plena validade ao lema com o qual Kant resumiu o propósito central

do Iluminismo: *¡Sapere aude!*, tenha a coragem de usar seu próprio entendimento. Envolve, igualmente, o cultivo de valores morais para moldar uma personalidade saudável, honesta, sensível, altruísta, bondosa e solidária. Nada substitui a educação no desenvolvimento das potencialidades do ser humano, aperfeiçoando as suas habilidades e promovendo sua inserção na sociedade e na cultura. No processo educativo interagem reciprocamente a autoaprendizagem em que o próprio indivíduo é simultaneamente educador e aprendiz, e a heteroeducação, derivada do apoio externo proporcionado pelo lar e pela escolarização. Em ambos os casos, a leitura é crucial para a formação da personalidade e seu amadurecimento pelo insubstituível amor pelos livros, tendo como premissa que não devem ser lidos para servir a algum propósito segundo exige certa lógica do benefício material em uma sociedade onde o ter é mais valioso do que o ser, mas sim pelo prazer da leitura, do aprendizado, impulsionados pelo desejo de conhecer e de nos conhecermos, de nos enriquecermos espiritualmente.

- **Laicismo**, entendido como a defesa dos interesses civis da sociedade comuns a crentes e não crentes,

e não como uma negação ou perseguição das crenças religiosas. Em essência, o laicismo afirma a independência dos seres humanos, da sociedade e do Estado em relação a toda influência eclesiástica ou religiosa. O Estado laico garante a liberdade de pensamento e de consciência dos cidadãos e respeita o direito de todos de expressarem livremente suas crenças, sem qualquer restrição além do respeito pelas crenças dos outros. Na sociedade laica, as crenças religiosas são respeitadas como um direito daqueles que as professam, mas não como um dever que pode ser imposto a qualquer pessoa, como acontece nos estados confessionais e teocráticos.

- **Tolerância**, entendida como aceitação da diversidade, disposição para a erradicação de preconceitos e capacidade de conviver com aquilo de que não gostamos ou desaprovamos, além da flexibilidade para facilitar o diálogo. Mas a tolerância não deve ser confundida com a insensibilidade perante os males que causam sofrimento, nem com a indiferença às ideologias que põem em risco as conquistas democráticas, derivadas de concepções autoritárias, totalitárias, populistas, confessionais, integristas ou fundamentalistas. A tolerância é o antídoto mais eficaz

contra o fanatismo, seja ele religioso, político ou de qualquer outra natureza, que gera tantos desentendimentos e ódios. Defender conceitos ou ideias com firmeza e apoiados em argumentos, sempre; fanatismos jamais, de nenhum tipo e nem em nome de qualquer doutrina ou ideologia.

- **Cosmopolitismo**, que basicamente se refere à ideia de que os seres humanos são cidadãos do mundo, uma vez que pertencemos à mesma comunidade planetária na qual não há espaço para exclusões. Demanda uma nova educação para a cidadania que não esteja reduzida às noções de pátria ou nacionalidade, – que devem ser compreendidas e respeitadas – mas que seja guiada por valores morais mais amplos, que promovam a convivência, combatam as tendências racistas ou xenófobas e reconheçam os direitos humanos de todas as pessoas, em sociedades onde todos se encaixam e a diferença é considerada uma riqueza e não um estigma. O cosmopolitismo transcende eticamente as crenças nacionalistas ou patrióticas por meio de sua aspiração a uma humanidade integrada e solidária.
- **Igualdade**, como atributo inalienável da condição humana e da sua experiência como ser social, e do qual decorre que todas as pessoas devem

gozar dos mesmos direitos e oportunidades, sem qualquer discriminação, para poder viver, conviver e desenvolver plenamente todas as suas potencialidades. De acordo com o exposto em *O Livro dos Espíritos* a respeito da lei da igualdade, a desigualdade das condições sociais não pode ser considerada como obra de Deus, mas sim dos seres humanos, e, conseqüentemente, é um imperativo moral lutar para erradicá-la. Isso não significa adotar a posição de um igualitarismo radical que propõe a igualdade absoluta das riquezas e ignora “a diversidade de faculdades e caracteres”, como Kardec bem apontou, e que nada mais é do que o reconhecimento da heterogeneidade humana, que de forma alguma deve ser assumida como justificativa para as desigualdades.

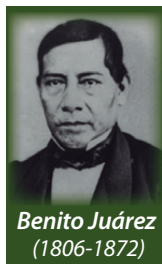
- **Fraternidade**, como escolha pela amizade, o diálogo, a convivência, o prazer da vida, a proximidade. Além de unir familiares, amigos e conhecidos por meio da expressão de sentimentos de afeto, respeito e gentileza, a fraternidade é proposta como o vínculo ideal que deve unir homens e mulheres, considerados como integrantes de uma família universal e, conseqüentemente, reconhecidos como irmãos.

Ser fraternal implica reconhecer que existe uma conexão essencial entre todas as pessoas, que todas possuem uma dignidade intrínseca acima de qualquer diferença, praticando valores como o amor, a solidariedade, o companheirismo, a justiça, a paz e o esforço comum para a edificação de um mundo mais harmonioso para todos.

- **Paz interior**, estimulada pela busca espiritual, a descoberta da transcendência, da serenidade como resultado do equilíbrio entre mente e corpo, da satisfação com a consciência do dever cumprido, da disposição para aceitar e valorizar nossos próprios sentimentos e o desfrute da agradável sensação de profundidade oferecida pelo silêncio e pela contemplação.
- **Paz social**, entre pessoas, comunidades e nações, derivada do diálogo, do consenso e das boas relações. A cultura da paz nunca surge de uma vitória bélica, nem se reduz ao lema “não à guerra”, pois possui um conteúdo maior, nascido do desejo de construir um estado de paz permanente, que não admite a violência, exige a coexistência entre as nações, rejeita as conquistas militares, promove a resolução pacífica das controvérsias e também exige o respeito pela diversidade de culturas e

modos de vida, o que se traduz em um pluralismo saudável. A máxima proferida pelo estadista mexicano Benito Juárez será sempre válida:

“Entre os indivíduos, assim como entre as nações, o respeito pelos direitos dos outros é a paz”.



- **Solidariedade**, uma palavra muito significativa e com um toque universalista, que soa como a versão laica do termo caridade, que corre o risco de ficar circunscrita e, portanto, limitada ao léxico tipicamente cristão. Claro que, para além das sutilezas semânticas, a prática da solidariedade representa o melhor da condição humana, pois deriva do amor ao próximo, da compaixão pela dor e sofrimento humanos e da empatia com os humildes, os pobres, os marginalizados, os discriminados, os refugiados, os mais vulneráveis e todos aqueles perseguidos na Terra por defenderem seus ideais ou por tentarem alcançar o sonho de uma vida com dignidade. O espírito de solidariedade impulsiona a bela alegria de servir e estar constante e incondicionalmente disposto a auxiliar os outros, considerando as necessidades deles como se fossem as suas próprias, e promovendo a cooperação e a conexão na sociedade.

Humanismo e humanitarismo

Quando demandam um esforço concreto e sustentado para dar conteúdo real a essas justas aspirações, o **humanismo** e o **humanitarismo** se fundem, embora não se confundam necessariamente no que se refere às suas definições e objetivos. São conceitos relacionados e complementares, mas diferentes. O humanismo é uma corrente de pensamento e um movimento cultural que promove uma visão de mundo centrada no reconhecimento do valor e da autonomia do ser humano, e estimula o crescimento pessoal, a educação intelectual e moral, e a reflexão ética e social. O humanitarismo, por sua vez, define-se a partir de uma atitude ou ação prática que busca aliviar o sofrimento humano, especialmente em situações críticas, como aquelas que prejudicam gravemente as pessoas afetadas por severas carências ou as vítimas de desastres naturais ou conflitos armados.

Não concebo o humanismo sem o humanitarismo, nem vice-versa. Como em tudo o que se relaciona aos seres humanos, a teoria e a prática caminham juntas e se retroalimentam. O conjunto de ideias que fundamenta a concepção humanista deve servir de apoio à ação humanitária, para que esta não se

circunscreva ou se limite à atividade assistencialista que consiste na doação de alimentos, roupas, medicamentos ou dinheiro, a qual em nenhum caso deve ser subestimada, mas cujo impacto é muito imediato e de curta duração. Talvez a famosa metáfora que convida a *"dar um peixe a alguém que precisa ser alimentado e, ao mesmo tempo, ensiná-lo a pescar"* possa ilustrar bem a combinação de ambas as considerações: por vezes, são necessárias soluções rápidas e diretas, mas uma abordagem mais profunda e sustentável deve promover a educação e o desenvolvimento da capacidade das pessoas para gerarem os seus próprios recursos de forma autónoma, em uma sociedade que lhes abra caminhos e facilite possibilidades de trabalharem para o seu bem-estar. O dever moral que impulsiona as ações humanitárias, caritativas ou filantrópicas deve estar vinculado ao desenvolvimento de uma consciência social transformadora da sociedade, para que nela prevaleçam a justiça, a igualdade, a liberdade, a fraternidade, o progresso e outros valores que enaltecem a dignidade das pessoas.

O 'além' em relação ao 'aqui'

Um mundo melhor, projetado à luz de uma visão dinâmica do humanismo espírita, deve ser o resultado dos esforços conjuntos dos espíritos encarnados em nosso planeta, com o respaldo moral dos desencarnados, e deve ser edificado aqui e agora, no 'aqui', sem relegar a busca por soluções ao 'além' ou a uma interpretação confusa da causalidade reencarnatória que pretende racionalizar ou justificar as tragédias humanas ou as desigualdades sociais como se fossem 'expições' ou 'pagamentos de dívidas', que nada mais são do que sofismas para silenciar o clamor da consciência diante da passividade ou da inação.

A preocupação com a felicidade das almas após a morte não pode significar um desentendimento do bem-estar integral das pessoas no mundo encarnado, um elemento fundamental da espiritualidade da vida, vista em todas as suas dimensões. Sendo os espíritos desencarnados as próprias almas dos falecidos, é um pensamento mágico ou ingênuo supor que seu bem-estar e felicidade sejam independentes das condições da vida encarnada. A felicidade do futuro é o resultado do esforço para conquistá-la nas sociedades do presente.

O que significa ser um espírita humanista hoje?

O humanismo espírita pressupõe estar ancorado na realidade e não escapar dela, com o propósito honesto de transformar a sociedade para melhorá-la, para avançar em bem-estar e direitos, e nunca perdê-los, nem trocar alguns beneficiários de privilégios por outros de ideologias diferentes, como já aconteceu tantas vezes.

Ser um espírita humanista hoje é sentir mais profundamente que cada uma de nossas existências representa um momento efêmero de uma infinita e extraordinária aventura: a complexa e difícil luta do espírito em seu incessante processo evolutivo de autoconhecimento para avançar em direção a estágios mais elevados de maturação intelectual, psicológica, moral e social, ou seja, em direção a etapas de maior plenitude e desenvolvimento da consciência. É necessário realizar a grande revolução de valores, que começa com o próprio ser humano, mas que não para aí e se estenda às estruturas sociais, verificando uma relação dialética entre o moral e o social.

Ter seguido essas linhas de pensamento ao longo da minha vida incentivou um esforço constante para cultivar um modo de conhecimento transdisciplinar

que me tornou para sempre alérgico aos fanatismos, aos sectarismos e às mentiras religiosas ou políticas dos supostos messias salvadores de almas que são sustentados pelos medos dos crentes, pelas ameaças do inferno ou pela cultura dos pecados e das culpas, assim como me distanciou dos autoproclamados revolucionários que se apresentam como utópicos salvadores dos povos e, no fim das contas, o que fazem é levá-los aos precipícios de distopias horríveis.

Nunca deixei de ser um aprendiz, ou seja, de continuar estudando e lendo avidamente, ouvindo aqueles que têm algo importante a dizer, meditando e refletindo. Acostumei-me a recorrer às mais variadas fontes de informação e do conhecimento e a levar em consideração, com genuíno respeito, as opiniões diferentes das minhas, a deixar fluir a curiosidade, a me surpreender e a fazer perguntas, a rever frequentemente minha visão de mundo, o que me torna um orgulhoso revisionista, a me autocriticar e corrigir meus erros, a reexaminar minhas crenças e retificá-las sem complexos quando há evidências de que novos dados invalidam conceitos anteriores, a ter dúvidas e a não me refugiar em supostas verdades absolutas e atemporais que só são confortáveis nas teologias e na fé dos fanáticos.

Precisamente, como espírita humanista e, conseqüentemente, livre-pensador, tenho procurado não me deixar levar pela tentação de me considerar o detentor da verdade, ou de presumir que a 'verdade' é do domínio de uma doutrina específica, ou que se adquire pela leitura dos livros de qualquer autor, independentemente do reconhecimento dado aos seus méritos e contribuições. Primeiro, porque não existe tal verdade em termos absolutos. Existem verdades na medida em que são conhecimentos que podem ser verificados e testados, mas ainda assim não deixam de ser parciais, temporárias, relativas a um determinado paradigma dominante e, portanto, sujeitas a tensões, revisões e substituições, caso a evidência empírica assim o determine.

Em segundo lugar, porque ao longo da história não houve e não há um sistema de pensamento que seja capaz de abranger a totalidade do conhecimento humano ou universal, do que se conclui que não existe um único caminho na busca das verdades, mas sim uma pluralidade de caminhos e opções. E em terceiro lugar, como corolário do que foi dito acima, não acredito em livros considerados sagrados ou incontestáveis, apresentados como o ápice da sabedoria universal ou como a manifestação da própria vontade divina ou como a revelação

definitiva de espíritos superiores. Ideias respeitáveis, sem dúvida, embora baseadas apenas na fé, nos dogmas ou na boa fé dos crentes.

Recorro ao antigo ditado latino: *hominem unius libri timeo*, quer dizer “temo o homem de um só livro”, para nos lembrar de que a adoração de livros sagrados e mestres infalíveis alimenta fanatismos dos mais diversos tipos, que prejudicam enormemente a convivência harmoniosa no mundo.

Na minha formação espírita, os textos de Kardec foram e continuam sendo minha melhor referência, mas não os adoto como obras infalíveis ou definitivas, e sim como ponto de partida e base de apoio para uma visão de mundo formidável de base espiritualista, que oferece uma excelente abordagem para a compreensão de Deus e da criação, do espírito e da matéria, do mundo e do homem, da evolução cósmica. Considero, além de expressar minha gratidão, que a valiosa contribuição de Kardec nos permite pensar com base no que já foi pensado, em vez de ter que começar a partir do zero.

Acredito que a diversidade é um valor, uma riqueza da vida, da humanidade, do espírito, do cosmos. Oferece possibilidades sempre novas. Há mais riqueza no múltiplo do que no único, no

plural do que no uniforme, na polifonia do que na monotonia ou uniformidade. Pretender reduzir o múltiplo a um é ir contra a própria natureza das coisas. Naturalmente, é preciso compreender que é necessário conciliar o direito à diversidade com o direito à igualdade, o reconhecimento da própria dignidade com a dignidade dos outros e o valor de todas as culturas sem exclusões.

Ao reconhecer a diversidade das pessoas e de suas formas de pensar, me reafirmo no poder criativo do diálogo. De fato, quanto mais diferentes forem as opiniões e as crenças, mais necessário se torna o diálogo. Diálogo entre iguais e sem hierarquias prévias. Prezo a argumentação racional, honesta, sem imposições dogmáticas, nem apoiada em um suposto princípio de autoridade. Acredito no direito de criticar qualquer ideia, mas não gosto de ataques *ad hominem*, porque todas as pessoas merecem respeito e têm o direito de pensar sem pressão ou restrições e de expressar livremente suas opiniões.

Devo muito ao humanismo espírita que se enraizou cedo em minha alma e se tornou a bússola que guiaria meus pensamentos e passos dali em diante. Provavelmente encontrou ressonância nas profundezas da minha memória palingenésica,

porque, desde que me conheço, percebi que fui feito para a reflexão e não para a genuflexão.

Com frequência costumo fazer um convite estimulante à reflexão, não para pensar como eu penso, mas para simples e amplamente pensar. Se este livro contribuir para que isso aconteça, especialmente dentro do movimento espírita, me sentirei altamente satisfeito.

JON AIZPÚRUA

Múrcia, Espanha, outono de 2025

1

DUAS PERSPECTIVAS SOBRE O HUMANISMO

O termo humanismo pode ser compreendido se dois significados forem considerados. Em sentido histórico, refere-se à atitude que se consolidou entre os séculos XIV e XVI, segundo a qual a antiguidade clássica, revivida através do estudo das *humanae litterae*, isto é, das línguas clássicas e das obras-primas da literatura greco-romana, foi estabelecida como o ideal e o modelo para a educação do homem completo e constitui a base de seu aperfeiçoamento.

O objetivo fundamental do conhecimento é o Homem (termo adotado aqui no sentido genérico de representante do reino hominal) e o significado da vida, e em relação a esse objetivo, questões antropológicas, sociológicas e cosmológicas devem ser levantadas. O outro sentido, mais amplo e uni-

versalista, refere-se à exaltação do espírito humano em sua atividade livre, fora de toda restrição e toda autoridade, ou seja, um sujeito dotado do privilégio da liberdade, tornando-se o agente de si mesmo e da construção do mundo.

Ambas as visões coincidem nos pontos essenciais da sua reflexão sobre a problemática do homem, pelo que se poderia dizer que o humanismo sempre existiu, embora tenha sido expressado de maneiras muito diversas. É verdade que não há contradição ou exclusão entre os dois significados, e que poderiam ser mutuamente integrados se a antiguidade clássica for concebida como um paradigma elevado a uma referência perene, baseado na afirmação esperançosa da faculdade humana de progresso no campo do conhecimento e no território do aprimoramento ético, individual e social.

Humanismo histórico

Um olhar retrospectivo para todos os espaços e épocas culturais leva à compreensão do impulso humanístico como eixo constitutivo de toda grande espinha dorsal das culturas humanas, traduzido em conquistas espirituais, e à consideração, como antecedente distante do humanismo renascentista,

de uma gama diversificada de manifestações filosóficas e religiosas que, de uma forma ou de outra, por meios mais racionais ou místicos, conforme o caso, afirmaram a noção da centralidade do ser humano e provocaram autênticas mutações do pensamento e da consciência.

Vale destacar, por exemplo, o século VI a.C. como um momento particular de singular transcendência, no qual emergiu uma pluralidade de vozes, em diferentes cenários, que tendiam à configuração de novos modelos mentais, psicológicos ou espirituais, para orientar as crenças e atitudes das pessoas ou nações. Esse foi o século de Buda, o século dos grandes profetas de Israel e a consequente transformação da religião desse povo, o século de Zoroastro na Pérsia, de Confúcio e Lao Tse na China, o século da renovação dravídica na Índia e, como se não bastasse, o início do esplendor filosófico na Grécia. Por mais diferentes que tenham sido as causas circunstanciais que contribuíram para a transformação da consciência em cada uma das culturas e religiões, destacando-se entre elas o protagonismo de personalidades decisivas, o fato comum foi a realização de uma revisão dos fundamentos religiosos imperantes e houve uma transição do cosmológico para o antropológico, que colocou o

ser humano no epicentro da sociedade como agente e responsável pelo seu próprio aperfeiçoamento.

Embora o movimento humanista tenha começado naquela época, com seus altos e baixos, levaria muito tempo para encontrar sua manifestação mais precisa, uma vez que o dogmatismo e a intolerância férrea que prevaleciam no seio da cristandade fossem confrontados. Há seis séculos, foi quando ocorreu na Europa uma formidável renovação no campo das ideias, que estava destinada a ter as maiores consequências e a modificar profundamente as artes, as letras, as ciências e a própria concepção que os seres humanos tinham de si mesmos e do mundo ao seu redor.

Essa poderosa revolução não foi decretada por nenhuma autoridade pública, não foi concebida como parte da estratégia política de um Estado, e nada teve a ver com manifestações políticas. Foi, de fato, a obra gigantesca de intelectuais, sem poder político ou religioso, que, com audácia de pioneiros, promoveram a empreitada de redescobrir o ser humano e colocá-lo no centro de suas preocupações e estudos. Humanistas é o título honroso com o qual esses semeadores de ideias seriam distinguidos pela posteridade.

Como um movimento que desafiou o pensamento dominante, o humanismo teve importantes

precursores no século XIV, com autores como Petrarca e Boccaccio, que reivindicaram em sua monumental produção literária o direito de toda pessoa de pensar com liberdade e dar suas próprias respostas às questões levantadas por assuntos filosóficos ou teológicos. Especificamente, em contraste com a visão teocêntrica predominante na Idade Média, o objetivo era promover uma concepção antropocêntrica sem que a intenção implicasse que as ideias fundamentais de Deus e da imortalidade da alma fossem desconsideradas.



VOCÊ SABIA?

Entre os humanistas italianos, Francesco Petrarca e Giovanni Boccaccio destacaram-se pela sua transcendência, promovendo trabalhos significativos na recuperação de textos clássicos e abrindo novos caminhos para a literatura e a filosofia, mediante a reivindicação do exercício da liberdade de pensamento. Seus escritos e traduções lançaram as bases para a nova cultura humanista e renascentista.



Surgindo por volta de 1400 nas cidades estado italianas, o humanismo foi se espalhando por grande parte do continente europeu ao longo de vários séculos, até atingir seu auge no Renascimento. Durante esses séculos houve uma imponente expansão econômica, o que resultou em uma grande disposição da nobreza e da burguesia em apoiar as diversas manifestações culturais, que até então eram domínio exclusivo da igreja e das grandes cortes. Nesse ambiente agitado, destacou-se a necessidade de uma educação mais intimamente vinculada à aquisição de conhecimentos de maior utilidade social do que aqueles derivados dos estudos teológicos, o que gradualmente se traduziu em invenções e descobertas de notável importância para as pessoas e as nações.

É compreensível, portanto, que a ascensão dos ideais humanistas tenha se desenvolvido em uma época de profundas transformações: a transição do feudalismo para um capitalismo incipiente, no qual o artesanato e o comércio encontraram maior liberdade para expandir suas atividades; da cristandade medieval para a Reforma, um movimento que revelou o crescente desprestígio da igreja no ocidente, mais atenta ao seu próprio enriquecimento material do que à direção espiritual de seus fiéis; da dispersão

do poder político para sua concentração no Estado moderno, da vida rural para a urbana, da concepção geocêntrica para o heliocentrismo, das verdades cristalizadas contidas no *Trivium* e no *Quadrivium* para a prática científica baseada no método experimental, culminando na expansão do mundo conhecido devido à descoberta da América pelos europeus.

Necessitados de um retorno às fontes do conhecimento antigo que tanto admiravam, os humanistas encontraram inspiração em algumas tendências filosóficas que germinaram na Grécia clássica: recuperaram as abordagens epicuristas apoiadas por um equilibrado hedonismo; retomaram os valores críticos do ceticismo e fizeram com que as teses platônicas prevalecessem sobre a escolástica aristotélica e, continuando com esse esforço, resgataram os princípios e valores do neoplatonismo. No âmbito deste ambiente revisionista, em que a discussão científica pôde se libertar do molde aristotélico, incentivou-se a criação de academias como locais de encontro e intercâmbio de correntes intelectuais, e foi assim que floresceram esses centros de conhecimento e liberdade em algumas cidades europeias localizadas na Espanha, França, Inglaterra, Alemanha e Países Baixos, mas principalmente na Itália sob a proteção dos Médici.

Sobre esta base, o humanismo de raízes platônicas, combinado com elementos cristãos, atingiria seu ápice nas obras originais de pensadores da grandeza de Marsilio Ficino, Pico della Mirandola, Nicolau Maquiavel, Thomas More, Antonio de Nebrija, Juan Luis Vives, Erasmo de Roterdã e Giordano Bruno, e de artistas que despertaram a admiração geral por suas geniais criações durante os períodos do *Quattrocento* e *Cinquecento*, entre os quais bastaria mencionar os gloriosos nomes de Filippo Brunelleschi, Donatello, Sandro Botticelli, Rafael Sanzio, Ticiano Vecelli, Michelangelo Buonarroti e Leonardo da Vinci, apenas para citar os mais conhecidos.

Em relação à sua orientação pedagógica, convém lembrar que rejeitaram a rigidez do ensino escolástico e deram continuidade à ideia central da *paideia* grega e da *humanitatis* latina, no sentido de que o objetivo era a formação do homem ideal, uma fusão de sabedoria e moral, que assumia a condição de professor-educador, responsável por uma instrução que se apresentava não apenas como transmissão de saberes, mas também como exemplo de virtude e assimilação interior de valores. Essas considerações éticas encorajaram esses pensadores a rejeitar a deriva relativista para a qual o humanismo pragmático dos sofistas gregos estava deslizando, resumida no

princípio que servia de eixo para as exposições de Protágoras, segundo o qual o homem é a medida de todas as coisas, e, em oposição, reivindicavam a voz de Sócrates e os diálogos de Platão para suprir a necessidade de um centro espiritual ou divino, um centro de valores de solidez permanente sobre o qual verberar o universo humano.

Os humanistas, especialmente os italianos, exerceram uma poderosa influência sobre a educação fundamental e universitária em seu país. Logo as ciências humanas se converteram em um ciclo bem definido de disciplinas de estudo: gramática, retórica, artes, poesia, história e filosofia moral. Trata-se de disciplinas dedicadas a assuntos mundanos ou laicos, em contraste com as disciplinas predominantes do programa anterior, que ensinavam teologia, metafísica, matemática e medicina. Embora em rigor não houvesse incompatibilidade entre os dois currículos, eles eram independentes e o propósito de renovação dos humanistas estava claramente definido.

Aquele homem admirável, em quem se combinavam o amor pelo estudo, a busca ávida pelo conhecimento em literatura, filosofia e disciplinas da linguagem, a paixão pelas artes plásticas e arquitetura, bem como seu interesse

pela ciência, renunciaram o caráter exemplar do Renascimento, cuja ampla formação lhe permitiu transitar com desenvoltura nos círculos intelectuais, artísticos e políticos. Possivelmente foi Leonardo da Vinci, com sua notável inteligência, reconhecida vocação humanista, insaciável curiosidade, exacerbado perfeccionismo e requintada sensibilidade, quem viria a ser reconhecido como o paradigma do homem completo idealizado naquele movimento.



No contexto deste panorama histórico, o humanismo renascentista se traduziu em uma cultura essencialmente integradora, que buscava harmonizar a vitalidade, as formas estéticas e os pressupostos intelectuais do mundo antigo com as condições exigidas pelos novos tempos, mesmo quando as mudanças desejadas e produzidas não desconsiderassem a tradição cristã nem implicassem uma ruptura radical com as diretrizes estabelecidas pela Igreja Católica, o verdadeiro centro do poder religioso, cultural, social, econômico e político.

Humanismo universalista

Avaliado em suas dimensões e potencialidades, o humanismo moderno possui uma atualidade com um ar de perpetuidade, tendo conseguido estabelecer uma relação de continuidade em relação às tradições humanistas que o precederam e, a partir desta base, abrindo-se a novas e vigorosas atualizações que lhe permitem transcender os limites conceituais e temporais dessas fases anteriores, até se consolidar como uma profunda reflexão sobre o sentido da existência e projetar-se até os nossos dias, reivindicando o direito que todas as pessoas têm de se valer da razão como um instrumento privilegiado para o conhecimento de si mesmas e de tudo o que as rodeia, seja de ordem física ou espiritual.

É devido a essa qualidade renovadora que o humanismo sobreviveu nos pensadores racionalistas e empiristas, como um exemplo a ser seguido pelos pensadores do Iluminismo e pelos enciclopedistas, até permear quase todas as correntes intelectuais contemporâneas, muitas vezes qualificando-as e dando origem a uma notável demonstração de diversos humanismos, geralmente expressos sob os rótulos de humanismo utópico, humanismo positivista, humanismo marxista, humanismo socialista,

humanismo libertário, humanismo existencialista, humanismo cristão, humanismo secular, humanismo espiritualista, e até mesmo um humanismo ateu foi explicitamente proposto. Cada um representa uma abordagem particular e entre eles existem diferenças filosóficas e ideológicas marcantes, embora todos concordem que sua perspectiva humanista deriva de uma declaração de confiança na centralidade do homem, ou seja, de seu protagonismo e responsabilidade na construção de seu próprio destino.

O universalismo do atual projeto humanístico constitui-se em um eixo articulador de disciplinas e campos de criatividade, em torno do qual se estende um arco no qual se encaixam todos os saberes e interpretações. A partir desta perspectiva ampla são abordadas, e muito bem, as artes, a literatura, as ciências naturais e sociais, as aplicações da tecnologia e outras especialidades, como a cibernética e a informática, que surgiram a partir da segunda metade do século XX. Do mesmo modo que o humanismo renascentista fez da imprensa um meio verdadeiro e revolucionário de difusão, consolidação e expansão do programa promovido, também o instrumento digital surge no presente como um recurso poderoso e indispensável, já incorporado a todas as atividades científicas,

econômicas, administrativas, educacionais e sociais, e que modificou todas as atividades humanas.

Um dos sinais do nosso tempo – com sua multiplicidade de filosofias, escolas, abordagens, disciplinas, especialidades, métodos e técnicas – se expressa na necessidade imperiosa de uma maior coordenação, de uma união e integração mais profundas em um diálogo fecundo entre pessoas e grupos que pensam e se guiam por diferentes princípios, ideologias e projetos, a fim de enxergar com mais clareza e descobrir novos significados nessa nebulosidade ideológica que envolve a humanidade. Por meio do diálogo como instrumento operacional pretende-se assimilar, ou ao menos compreender, as perspectivas dos outros, e também desenvolver, em um esforço conjunto, os instrumentos conceituais e metodológicos que facilitem a construção de um novo espaço intelectual e de uma plataforma mental e vivencial compartilhada, seja dentro do núcleo familiar ou no ambiente social, profissional, empresarial ou recreativo. Este é o significado da noção de alteridade tão cara ao humanismo moderno: mais do que tentar encontrar o ponto fraco no que a outra pessoa disse e esmagar essa opinião contrária, tentar ponderar o seu verdadeiro valor, sua força e sua riqueza, por meio de uma

troca genuína que promova uma grande abertura e, conseqüentemente, um notável enriquecimento intelectual, social e espiritual.

Em relação à sua proposta pedagógica, o humanismo de nosso tempo não se limita a ensinar as ciências humanas nas escolas e faculdades especializadas, mas apresenta um programa cujos conteúdos se encaixam perfeitamente em todos os conhecimentos que atendem às necessidades do mundo atual. Para atingir esse objetivo, é recomendável que as instituições educacionais em todos os níveis eduquem crianças e adultos, mulheres e homens, pessoas, enfim, com plena consciência do saber, do que é permanente e mutável na vida do ser humano, de sua unidade e solidariedade, de seu significado e destino no curso da evolução planetária e cósmica.

A universalidade do humanismo contemporâneo, redimensionado como uma constante de valor pluricultural que atravessa o mundo do pensamento com uma abordagem inter e transdisciplinar, convoca a um diálogo frutífero que possa alcançar a unidade no âmbito da diversidade cultural que é inerente aos seres humanos, aos povos e às civilizações. Também demanda uma globalização,

até agora concebida apenas em termos de mercado, redirecionada em termos de valores humanísticos, com a finalidade de superar as desorientações e os desvios a que conduz o declínio da consciência moral e histórica. Nisto se fundaria a imprescindível nova vida do humanismo e a sobrevivência de sua tradição como instrumento de ação em vista do presente e do futuro. A reivindicação do sentido universalista do humanismo não seria apenas um exercício de honestidade intelectual, mas também uma exigência urgente e atual da vida prática como reflexo e consequência das noções teóricas.

2

HUMANISMO ESPÍRITA

Em consonância com a pluralidade de humanismos antes mencionada, é justo e apropriado falar do humanismo espírita, visto que existem razões suficientes para categorizar como tal o sistema de pensamento fundado e organizado pelo pedagogo francês Allan Kardec em meados do século XIX, ao qual denominou espiritismo e definiu nos seguintes termos:

“O espiritismo é ao mesmo tempo uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, consiste nas relações que podem ser estabelecidas com os Espíritos; como doutrina filosófica, compreende todas as consequências morais que surgem de tais relações” (KARDEC, 1996, p.10).

Parafraseando uma conhecida frase pronunciada por Jean-Paul Sartre para caracterizar o existencialismo, pode-se legitimamente apontar que o espiritismo é um humanismo que postula uma antropologia transcendental que, embora tenha raízes deístas e espiritualistas, coloca o foco de sua preocupação ética e social no homem, encarnado ou desencarnado, ao mesmo tempo em que incentiva sua participação com protagonismo na luta que ele deve travar permanentemente para enfrentar as vicissitudes da vida. Seguindo essa linha de raciocínio, pode-se acrescentar que, dada a singularidade de seus postulados essenciais, sustentados na razão e na experimentação, em vez da fé ou de dogmas, e nos quais não há espaço para o sobrenatural, uma vez que tudo o que existe funciona de acordo com as leis naturais, o espiritismo apresenta argumentos suficientes para ser aceito como um novo humanismo ou um humanismo espiritualista e integral.

A bibliografia espírita fornece ampla evidência dessa consideração. Aos livros publicados por Kardec, segue-se uma extensa lista de obras filosóficas cujo conteúdo e orientação corroboram a postura inequivocamente humanista que emerge das teses espíritas, todas centradas, como já foi dito, na

promoção do ser humano e em seu enobrecimento. Da imensa lista de pensadores e autores que nos legaram uma formidável produção intelectual voltada para a ratificação da vocação humanista que deriva da visão espírita a partir de múltiplas perspectivas – filosóficas, científicas, sociológicas, históricas ou pedagógicas – citaremos apenas alguns dos mais destacados: Léon Denis, Gabriel Delanne, Gustavo Geley, Louis Lafourcade, André Dumas, Jacques Pecatte (**França**); Ernesto Bozzano (**Itália**); José María Fernández Colavida, Manuel González Soriano, Amalia Domingo y Soler, Manuel Sanz Benito, Miguel Vives y Vives, Salvador Sellés, Manuel Navarro Murillo, Quintín López Gómez, Humbert Torres, Josep Casanovas Llardent, David Santamaría, Juan José Torres, Antonio Lledó, Mercedes García de la Torre, Pilar Domenech (**Espanha**); Antonio Joaquim Freire, Antonio Eduardo Lobo Vilela, Amelia Cardia, Isidoro Duarte Santos, João Gonçalves (**Portugal**); Cosme Mariño, Manuel Porteiro, Santiago Bossero, Luis di Cristóforo Postiglioni, Humberto Mariotti, Natalio Ceccarini, César Bogo, Florentino Barrera, Dante Culzoni, Hermas Culzoni, Mario Molfino, Dante López, Raúl Drubich (**Argentina**); Luis Zea Uribe, Colombia de Martínez (**Colômbia**); Rogelio Fernández Güell (**Costa Rica**); Ernesto Moog (**Chile**);

Salvador Molina, Francisco Armenteros e Estrada, Antonio Soto Paz Basulto (**Cuba**); Pedro Álvarez e Gasca (**México**); Rosendo Matienzo Cintrón, Agustina Guffain de Doittau, Lola Baldoni Pérez, Luisa Capetillo, Ramón Negrón Flores, William Colón, Néstor Rodríguez Escudero, Luz Santana Peña, Pablo Serrano, José Arroyo, Clara Román (**Porto Rico**); Jesús Enrique Lossada, David Grossvater, Rosa Virginia Martínez, Pedro Barboza de la Torre, Daniel Guerra Iñíguez, Yolanda Clavijo (**Venezuela**); Angeli Torteroli, Cairbar Schutel, Carlos Imbassahy, Deolindo Amorim, Pedro Granja, Herculano Pires, Ney Lobo, Herminio Miranda, Nazareno Tourinho, Gelio Lacerda da Silva, Carlos Bernardo Loureiro, Freitas Nobre, Jaci Regis, Krishnamurti de Carvalho Dias, Aylton Paiva, Milton Medrán Moreira, Dora Incontri, Wilson García, José Lázaro Boberg, Matheus Laureano, Paulo Henrique de Figueiredo, Marcelo Henrique, Ademar Chioro dos Reis, Reinaldo di Lucía, Luis Signates, Salomao Jacob Benchaya, Jacira Jacinto da Silva, Mauro de Mesquita Spinola, Alcione Moreno, Ricardo Nunes, Elías Moraes, Alexandre Cardia Machado, Roberto Rufo, Bruno Lins Quintanilha, Marcio Sales Saraiva, Marcelo Teixeira (**Brasil**), e tantos outros que, se fôssemos mencioná-los todos, teríamos que preencher inúmeras páginas.

Aqui cabe uma menção especial para o pensador e escritor brasileiro Eugenio Lara, falecido prematuramente em 2024, um entusiasta defensor do espiritismo laico, livre-pensador, progressista e decididamente humanista. Eugênio nos legou um livro formidável, fruto da união de sua vasta cultura e de sua sólida convicção espírita, cujo conteúdo reúne observações valiosas e lúcidas reflexões para reafirmar o caráter humanista do espiritismo, em perfeita harmonia com a orientação exposta na presente obra:

“Dadas as suas peculiaridades, a sua singularidade em relação às diversas correntes humanistas, o Humanismo, na perspectiva do espiritismo, careceria de adjetivação – espírita ou kardecista – como uma forma de expressar a sua própria identidade: livre, independente e autônoma. Ou seja, quando pensamos no Humanismo Espírita ou Kardecista, temos que considerar sua base fundamental, que é a razão de ser da filosofia espírita: o estudo experimental e reflexivo do Espírito, o elemento inteligente do Universo. Ao lado da Matéria, como elemento também básico, estrutural do Universo, o Espírito, individualizado, demonstra ser imanente e transcendente, perfectível, sujeito ao determinismo natural, ao processo evolutivo, à evolução intelectual, moral e

psíquica, à palingenesia e às leis que dão origem ao processo de seleção natural. O espírito é o homem. O homem é o espírito". (LARA, 2012, p.3).



VOCÊ SABIA?

Em sua obra pioneira *“Breve ensaio sobre o humanismo espírita”*, Eugenio Lara examina os fundamentos filosóficos, sociológicos, éticos e estéticos em que se sustenta o espiritismo e reafirma seu caráter nitidamente humanista.



Nem religião nem materialismo

A versão humanista que emerge do espiritualismo espírita proclama seu distanciamento em relação aos outros humanismos que se inscrevem, alguns, em uma cosmovisão religiosa mais ou menos confessional, enquanto outros optam por uma interpretação materialista, agnóstica ou ateuista, o que não significa diminuir os méritos de suas teses e suas preocupações autênticas em prol do bem-estar humano. Mas a verdade é que o pensamento espírita se distancia do dogmatismo inerente às concepções religiosas, sejam elas orientais ou ocidentais, assim como do não menos dogmático

ceticismo materialista, quer este derive das teses de Feuerbach ou Marx, Nietzsche ou Sartre.

Não pode ser de outra maneira. O humanismo kardecista escapa de ambas as posições extremas: de uma que se sustenta em dogmas arcaicos e incompreensíveis relativos à origem, natureza e destino da alma e, da outra, ao ignorar e negar qualquer noção de transcendência espiritual se reafirma em uma abordagem reducionista segundo a qual *"a essência do homem não tem essência"* ou *"o homem é uma paixão inútil"*, seguindo Ortega y Gasset ou Sartre, respectivamente. Por um lado, a criatura humana é condenada a crer e aceitar sem compreender, e por outro, é sentenciada a morrer sem esperança. À luz do espiritismo a perspectiva é completamente diferente: o espírito precede ao organismo físico: preexiste, existe, coexiste e subsiste; é, sabe que é e compreende porque e para que é, fazendo uso responsável das percepções proporcionadas pela sua razão e inteligência. Com sua proposta de fé raciocinada, Kardec situou o espiritismo em uma perspectiva dialética que lhe permite superar as posições antagônicas das religiões e do materialismo, por meio de uma síntese fundada na postulação da condição espiritual do homem em termos de razão e ciência:

"A fé inabalável é somente aquela que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da humanidade". (KARDEC, 1994, p.249).

Encarnados e desencarnados

De acordo com a perspectiva oferecida pelo humanismo espírita, não há uma separação radical ou definitiva entre o 'além' e o 'aqui', situações ou experiências que se apresentam como cenários nos quais o espírito se alterna em inúmeras fases, encarnado ou desencarnado, segundo as leis que regem a evolução palingenésica, cujo conhecimento e compreensão nos libertam do medo da morte e da dor causada pela crença de termos perdido para sempre os seres que amamos. Nada a ver com as concepções teológicas do céu ou do inferno como destinos eternos e imutáveis que, segundo a crença comum, aguardam fatalmente as pessoas após a morte.

Assim, fica evidente que o centro das preocupações que derivam da antropologia espírita permanece sendo o sujeito humano, seja ele o homem físico ou homem extrafísico, encarnado ou desencarnado, visível ou invisível. A morte não envolve ruptura, mas continuidade e, consequen-

temente, nenhum ser espiritual que se encontre no plano desencarnado desfruta da felicidade se não tiver se esforçado previamente para conquistá-la durante sua etapa como encarnado. Um maior grau de bem-estar ou perturbação no nível espiritual depende do comportamento anterior na vida carnal. A morte ou desencarnação não alteram, substancialmente, o espírito. Apenas o plano de sua atuação é transitoriamente modificado, esteja ou não vinculado a um organismo biológico. Encarnado ou desencarnado, o ser é o mesmo, com suas virtudes ou defeitos, com suas crenças, hábitos, tendências ou inclinações.



VOCÊ SABIA?

À luz do espiritismo, não faz sentido falar em ‘vivos’ e ‘mortos’, mas sim em espíritos encarnados e desencarnados. O mesmo se pode dizer do ‘aqui’ ou do ‘além’. São compostos pela humanidade visível e a humanidade invisível, dimensões transitórias que estão em constante interação e intercâmbio seguindo o processo de reencarnação.

A partir desta perspectiva, as teses cardinais que fundamentam o corpus doutrinário do espiritismo, relacionadas à compreensão deísta e não antropomórfica de Deus, "*inteligência suprema*

e causa primária de todas as coisas"; à existência do espírito, criado "*simples e ignorante*" e destinado à perfeição; às sucessivas experiências reencarnatórias interligadas por mecanismos dinâmicos de causalidade dentro do marco de um processo interexistencial; às múltiplas relações derivadas do intercâmbio mediúnico entre os seres espirituais de ambas as dimensões; não se traduzem em ideias, comportamentos ou posturas conservadoras, não representam formas de alienação da consciência moral ou social, nem têm o propósito de manipular indivíduos para transformá-los em adeptos domesticados ou fanáticos agressivos, obcecados por crenças místicas ou fantásticas, nem de distanciá-los do cumprimento de suas responsabilidades particulares, familiares, cívicas ou sociais.

O humanismo espírita concebe o homem encarnado como uma unidade substancial e indivisível de corpo e alma, dotado de faculdades psicológicas como pensamento, memória e vontade, e com uma afetividade muito mais desenvolvida do que nas espécies das quais emergiu no curso da evolução; com faculdades psíquicas paranormais e mediúnicas que expandem o espectro de suas percepções sensoriais para entrar em contato com realidades suprassensíveis que transcendem

as categorias conhecidas do tempo e espaço e permitem a comunicação, por meio de pessoas sensíveis, os médiuns, por diferentes meios e condições, com entidades desencarnadas, que são entidades humanas que participam temporariamente de uma dimensão extracorpórea.

Espírito, história e sociedade

Por meio de sua consciência moral, o ser humano pode escolher e decidir de acordo com seu livre-arbítrio; se torna detentor de direitos, deveres e responsabilidades que a ordem social da qual faz parte deve proteger e que ninguém está autorizado a violar; e quando se eleva acima de suas imperfeições, faz das virtudes os princípios cardinais que orientam e regem a sua existência. Ao exercerem seu livre-arbítrio, assumirem a responsabilidade por seus atos, aderirem à verdade e à honestidade em seus pensamentos, palavras e condutas, e vivenciarem o amor e o perdão em seus relacionamentos com seus semelhantes, os seres humanos desfrutarão de maior bem-estar físico e espiritual e alcançarão novos e mais elevados níveis em sua jornada ascendente.

O modelo humanista espírita e sua perspectiva holística não promovem um tipo de homem

desvinculado do momento histórico em que vive ou que se mostre insensível às exigências que acompanham o progresso da sociedade, tanto em termos de relações com outras pessoas, quanto em tudo o que o vincula a todos os seres vivos e à natureza como um todo. De fato, o modelo kardecista se distancia consideravelmente de propostas messiânicas que garantem a 'salvação' pelo fato de adotar determinadas crenças; ou de qualquer misticismo que tenda a transformar o indivíduo em um ser apático, negacionista e evasivo, isolado da realidade social que o cerca, e que tenta justificar sua opção individualista em nome de um caminho ou método que o conduziria a um suposto ascetismo espiritual, que nada mais é do que uma evasão egoísta do compromisso que o espírito assumiu para seu aprimoramento no cenário da vida encarnada e para dar sua contribuição ao progresso geral da humanidade. Portanto, não têm lugar na visão espírita, as concepções teológicas fundamentalistas que se concentram na exaltação da vida 'espiritual' como se estivesse desvinculada da vida 'material', e consequentemente supõem o mundo como 'um vale de lágrimas' no qual cada pessoa sofre os castigos de Deus por seu pecado 'original' e se resigna à dor e ao sofrimento,

considerados como provações que devem ser inevitavelmente superadas para sua redenção.

Com a mesma determinação, o espiritismo se distancia dos sistemas de pensamento que transformam o homem em um instrumento pragmático para satisfazer os interesses do mercado, assim como daqueles que o submetem a ideologias materialistas baseadas em uma visão reduzida do homem, forçado a servir a um estado totalitário em detrimento de sua própria plenitude como ser livre e perfectível, participando conscientemente da tarefa comum de alcançar uma convivência social mais justa e fraterna.

Compromisso espírita

A partir de uma análise imparcial, pode-se constatar que a doutrina kardecista constitui uma valiosa fonte de ensinamentos, não apenas em relação a assuntos espirituais, ou ao 'além', como se costuma dizer na expressão popular, mas em todas as questões de natureza teórica ou prática, de caráter moral ou social, que dizem respeito ao espírito encarnado, protagonista de seu caminho evolutivo, livre para tomar decisões e responsável por assumir suas consequências. Portanto, a ética

geral derivada do humanismo espírita promove determinados compromissos que, em seu conjunto, configuram uma cultura moral e espiritual capaz de oferecer à humanidade uma alternativa universalista, progressista e amorosa, na qual se contemplam os valores fundamentais que visam à edificação de um mundo renovado, no qual seus habitantes desfrutem de um grau de felicidade cada vez maior. O perfil do arquétipo humano ideal que o espiritismo busca formar está nitidamente definido na pessoa que ama e serve ao próximo; estuda e adquire uma formação integral; se ajusta aos cânones de uma moral universalista, laica e livre-pensadora; está livre de fanatismos e superstições; e, em suma, conduz todos os atos de sua vida animada por um espírito de generosidade, solidariedade, justiça e responsabilidade.

Não é por acaso que o espiritismo, desde sua fundação e elaboração em meados do século XIX, tenha se manifestado em favor das mais nobres causas humanitárias no mundo todo. Em nome dos princípios espíritas foram denunciados em publicações e congressos, injustiças, desigualdades, guerras, escravidão, discriminação contra as mulheres e minorias, racismo, xenofobia, analfabetismo e atraso

na educação, pena de morte, censura e perseguição à dissidência, autoritarismo e tirania, enquanto, ao mesmo tempo, o direito inalienável à vida, à liberdade de pensamento, consciência e expressão são reivindicados e promovidos; a liberdade religiosa e política; a separação entre o estado e as igrejas; a educação laica acessível a todos; a tolerância; a convivência familiar e cidadã saudável; os direitos dos trabalhadores dentro de uma relação justa entre capital e trabalho; o pacifismo e a resolução não violenta de conflitos entre indivíduos e nações; o cosmopolitismo; o sufrágio universal e a validade do sistema democrático e do estado de bem-estar social; os avanços científicos; e, no ápice das aspirações, o reinado da fraternidade universal.

Em um breve ensaio que seria publicado em suas *Obras Póstumas*, Kardec reiterou seu anseio por um mundo melhor, em consonância com a célebre trilogia laica que identificou a Revolução Francesa, contendo princípios fundamentais e insubstituíveis para alcançar um novo estágio evolutivo, mas que deveriam ser iluminados pelos princípios morais ensinados pela doutrina espírita, em particular aqueles que exortam a vencer e superar o orgulho e o egoísmo, fontes da infelicidade humana:

"Liberdade, Igualdade e Fraternidade: eis aqui três palavras que, por si só, constituem o programa de toda uma ordem social que realizaria o progresso mais absoluto da humanidade, se os princípios que representam pudessem ser plenamente aplicados. Mas examinemos os obstáculos que, no atual estado da sociedade, se opõem a isso, e busquemos uma solução em vista do mal". (KARDEC, 1995, p.158).

Nos capítulos seguintes, apresenta-se um conjunto de considerações gerais que facilitam a compreensão das teses essenciais que configuram a proposta filosófica, cultural e ética do humanismo espírita para o mundo contemporâneo.

3

A CONDIÇÃO HUMANA E O AUTOCONHECIMENTO

Conhece-te a ti mesmo!

Em virtude de seu inquestionável humanismo, o espiritismo se apresenta como uma filosofia racionalista e livre-pensadora que parte da possibilidade de alcançar o verdadeiro conhecimento do ser, como categoria ontológica, em sua condição dual de espírito e matéria, através do uso da razão e dos instrumentos proporcionados pela ciência, teóricos ou fruto da pesquisa e experimentação.

A exortação ao autoconhecimento remonta à antiguidade e tornou-se concreta no período antropológico inaugurado por Sócrates na cultura helênica. Em resposta às preocupações dos filósofos interessados em compreender a natureza da matéria e as dimensões do cosmos, o célebre mestre ateniense

afirmou que o descobridor do universo deveria primeiro descobrir a si mesmo, conferindo pleno significado psicológico e espiritual ao aforismo que identificava o oráculo em Delfos: "*Homem, conhece-te a ti mesmo*", que era um convite a transcender o conhecimento sensorial da aparência corporal e penetrar, através da introspecção, no conhecimento da essência espiritual, facilitando a autodescoberta.

Autoconhecer-nos significa reconhecemo-nos como espíritos em permanente progresso e evolução, como entidades transcendentais que nascem, morrem, renascem, erram, sofrem, aprendem, se corrigem, mudam de rumo e gradualmente se superam. Envolve descobrir e compreender o nosso passado e conectá-lo à nossa condição atual, tendo como horizonte um futuro que dependerá de nós mesmos e da nossa maior ou menor disposição de nos afastarmos do mal e, conseqüentemente, avançarmos em direção a estados de maior ou menor felicidade. Nessa bela frase, Victor Hugo expressava a noção do progresso eterno do espírito humano:

"O berço tem um ontem e a sepultura tem um amanhã". (MARIOTTI, 2018, p.49).

Sendo conscientes de que todos transitam esse caminho evolutivo, ao aprofundarmos nosso

autoconhecimento pessoal, conseguiremos entender por que somos como somos e agimos como agimos; compreenderemos as raízes de nossos pensamentos, sentimentos e emoções; descobriremos nossos erros e aprenderemos a deixar de lado o orgulho e o egoísmo; identificaremos nossos pontos fortes e fracos; nos aceitaremos de maneira honesta e realista; pediremos perdão e seremos perdoados; fortaleceremos nossos relacionamentos com os outros ao nos cercarmos de pessoas com ideias afins, que nos inspirem com os mais altos valores éticos e nos motivem a ter uma vida saudável e bem-sucedida.

Deus, criação e evolução cósmica

Assim como qualquer outro conhecimento, aquele que se refere aos seres humanos deve ser contextualizado: O que e quem somos são entendidos como questões inseparáveis de onde estamos, de onde viemos e para onde vamos. A doutrina espírita, em sua tríplice construção de filosofia científica e moral, responde com precisão: uma aventura evolutiva comum embarcou o espírito, desde sua criação por Deus como uma entidade simples e ignorante. Seguindo um processo ascendente e constante de hominização, o espírito continua

seu avanço irrefreável durante milhões de anos até atingir o estágio de *homo sapiens*. E prossegue, conquistando sua humanização em sucessivas existências carnis, estabelecendo relações familiares e sociais cada vez mais definidas e complexas.

Por sua origem comum, cada indivíduo deve reconhecer-se na humanidade em que se integra globalmente, ao mesmo tempo em que compreende e assume a diversidade cultural inerente ao ser humano. O eu precisa do você e do nós, ou seja, cada um se consolida no reconhecimento recíproco da plenitude humana do outro. O individualismo egoísta deve ser superado pela alteridade solidária, sem que isso signifique uma renúncia à autonomia espiritual. Conhecer a si mesmo significa avançar no caminho para a perfeição, sem alcançá-la em termos absolutos, uma vez que tal condição pertence somente a Deus, de acordo com a possibilidade limitada que temos de nos aproximarmos da compreensão da "*Inteligência suprema e causa primária de todas as coisas*" (KARDEC, 1992, p. 47), quer usemos o caminho apofático, para nos referirmos por meio da negação ao que não é e não pode ser Deus, quer usemos o caminho catafático, que se utiliza de afirmações positivas para descrever os atributos de Deus. Em qualquer

uma dessas alternativas, as limitações da razão e da linguagem que são inerentes à condição humana não nos permitem ir além do reconhecimento de sua existência como uma realidade metaempírica e, portanto, não verificável com os instrumentos sensoriais e cognitivos que possuímos, e aos quais nos aproximamos como uma intuição diante da imponente majestade do Universo ou pela aplicação do princípio de que *“todo efeito inteligente tem uma causa inteligente”*.

Existe, está claro, e é a crença esmagadoramente predominante no mundo, a aceitação de Deus conforme a fé que distingue cada doutrina religiosa ou teológica e que geralmente se expressa em uma concepção teísta, na qual atributos de caráter antropomórficos são apreciados para identificar a divindade. Por nossa parte, subscrevemos o humanismo espírita, laico e evolucionista, com sua proposta autônoma e não heterônoma a respeito do ser humano e da vida, que se inclina para uma concepção deísta que admite a existência de Deus como criador do universo, mas não aceita sua intervenção direta no mundo de maneira providencial, e sim por meio das leis naturais que regem tudo o que existe, e, em vez de basear sua convicção em dogmas ou nas afirmações

dos chamados livros sagrados, utiliza a razão, o conhecimento e a pesquisa para compreender a onipresença divina no plano geral do Universo.

A partir de sua visão antropológica e transcendental, a filosofia espírita transita de forma harmoniosa para se conectar com uma cosmologia admirável. Os enormes conhecimentos aportados pela astronomia, especialmente nos últimos dois séculos, obriga-nos a situar o planeta Terra em um canto do universo em expansão, sem qualquer privilégio. Os dados relativos a distâncias e tempos estão além da nossa capacidade discursiva. A unidade astronômica, que é a distância média da Terra ao Sol, ou seja, cerca de 150 milhões de quilômetros, ainda é uma unidade muito pequena para medir os espaços estelares. Nosso sistema solar, já gigantesco para as dimensões usuais, é um grão de areia imperceptível nesse universo de bilhões de galáxias, sistemas, estrelas e planetas. O fato de a próxima galáxia estar a dois milhões de anos-luz de distância nos deixa perplexos, especialmente quando consideramos que um ano-luz equivale à distância percorrida pela luz em um ano a uma velocidade de 300.000 quilômetros por segundo. Algo semelhante acontece com os bilhões de anos que se passaram desde que começou a

explosão inicial, ou big-bang. Tudo isso nos obriga a nos redimensionarmos em escalas quase minúsculas e, portanto, a descrever como tolice e absurdo as guerras, as conquistas territoriais, os genocídios que ocorreram ao longo da história e todos os danos causados pelos seres humanos como consequência de suas graves deficiências morais.

As gigantescas dimensões do universo despertam reações de espanto e admiração nos seres humanos e os levam a refletir sobre sua verdadeira posição ou significado, o próprio sentido da existência, sua maior ou menor contribuição para o progresso geral e a própria possibilidade de existirem outras e diferentes manifestações de vida inteligente que nos fazem pensar que não estamos sozinhos nessa vastidão cósmica.



Um olhar de grande alcance cósmico é necessário para nos situar em uma perspectiva holística baseada na interação entre o material e o espiritual, entre os seres humanos encarnados e desencarnados; que promova a noção de cosmopolitismo e cidadania terrestre como a identidade geral de todos os habitantes do

planeta; e que introduza na educação geral o princípio de que o desenvolvimento econômico e a capacitação para a produção e o consumo devem ser subordinados à formação integral das pessoas, promovendo seu desenvolvimento intelectual, afetivo, moral e espiritual.

4

RUMO A UMA ESPIRITUALIDADE LAICA

Laicismo e estado laico

A noção de laicismo acompanha o espiritismo desde seu surgimento no século XIX, e não poderia ser de outra forma, dados os princípios de liberdade de consciência e de tolerância que nutrem sua concepção de homem e da sociedade. Já no Primeiro Congresso Espírita Internacional, realizado em Barcelona em 1888, se aconselhava

“O constante esforço para difundir o laicismo em todas as esferas da vida. A absoluta liberdade de pensamento, a educação integral para ambos os sexos e o cosmopolitismo como base das relações sociais”. (FEDERACIÓN ESPÍRITA ESPAÑOLA, 1934, p.15)

Os princípios mencionados são inspirados na premissa de que as crenças religiosas são experiências espirituais, sociais e culturais que merecem atenção, estudo e respeito, desde que não contrariem os valores éticos comuns em uma sociedade. A adesão às diversas crenças religiosas é absolutamente válida e gera fatos e direitos estritamente particulares, devendo ser protegida pela legislação vigente. Assim, ninguém deve sentir-se prejudicado no seu direito de escolher e praticar a religião de sua preferência, sendo que este princípio relativo à liberdade de consciência aplica-se também ao direito de não acreditar em qualquer religião ou participar em quaisquer dos seus ritos e cerimônias.

Denomina-se **laicidade** uma concepção de vida na qual se defende a ausência de uma religião oficial na governança dos Estados, e o **laicismo** é entendido como o movimento histórico que reivindica a implementação da laicidade. Com base em seus fundamentos humanistas, presume-se que a laicidade estabeleça um vínculo comum entre as pessoas, por meio do qual seja facilitado que elas convivam respeitosa e cordialmente, processando suas diferentes opiniões em um ambiente civilizado e harmonioso. Em virtude deste ambiente social

favorável à convivência saudável, a validade e a aplicação dos princípios laicos de liberdade de consciência, pensamento, expressão e organização; a igualdade de direitos e obrigações, bem como a justiça social, constituem a própria essência do sistema democrático.

Convém insistir que um Estado laico e, portanto, não confessional, não significa que seja antirreligioso ou ateu. Todas as crenças religiosas são respeitáveis e seus adeptos devem sempre ter garantido o direito de vivê-las intimamente, compartilhá-las com quem desejarem e difundi-las sem restrições. Diferentes são o clericalismo, tão difundido nas tradições judaico-cristãs, ou as teocracias islâmicas fundamentalistas, cujas pretensões de desfrutar de privilégios especiais na esfera social, de se colocarem acima ou à margem das normas civis ou legais, ou de impor critérios teológicos em questões morais, jurídicas, científicas ou educacionais, contrariam os direitos humanos básicos já conquistados pela modernidade e que prejudicam especialmente as mulheres, e em muitas ocasiões promovem a perseguição de minorias étnicas, sexuais ou religiosas, e dão cobertura a movimentos políticos violentos e episódios de terrorismo.

Laicismo e espiritismo

Como é bem sabido, o espiritismo, desde os seus primórdios, a começar pelo ato fundador que significou o aparecimento de *O Livro dos Espíritos* em 1857, ergueu a bandeira do livre-pensamento, ressaltando o valor inalienável da liberdade que permite a cada ser humano ordenar as suas crenças em matéria de religião, fé e transcendência, de acordo com os ditames da sua razão e sem o temor de ser condenado, punido, anatematizado ou perseguido.

Claro está que o laicismo ao qual o espiritismo está inserido tem uma base inequivocamente espiritualista. Muito distanciado de um laicismo materialista e ateu que promove a indiferença em relação às questões radicais da existência humana: sua origem e destino, bem como sua referência centrada em uma explicação exclusivamente física, química, biológica, psicológica ou sociológica da vida e da morte, o espiritismo reafirma o reconhecimento da existência de Deus como a inteligência suprema e causa primária de todas as coisas; do espírito como uma entidade psíquica transcendente que preexiste ao nascimento e sobrevive após a morte; do processo evolutivo ascendente do espírito que se verifica em

inúmeras e sucessivas existências; da comunicação incessante entre desencarnados e encarnados por diversos meios; e deriva desses princípios uma cosmovisão humanista e progressista que clama pela transformação pessoal e social, dentro da estrutura dos mais elevados princípios éticos.

Por uma espiritualidade laica e amorosa

Ao convidar à compreensão do sentido espiritual da vida, insistindo no pleno respeito pela liberdade das pessoas e dos povos, e fundamentando-se na razão e na ciência, o espiritismo promove uma espiritualidade laica, equidistante do ceticismo desesperançoso do materialismo e do dogmatismo sectário e alheio à ciência e à racionalidade das teologias. Uma espiritualidade aberta, afetiva e tolerante que, baseada em princípios universais, promove uma cultura de compreensão, convivência, harmonia, generosidade, solidariedade e fraternidade. Uma espiritualidade que se reafirma em uma cultura:

- De respeito pela vida em todas as suas formas.
- Que garanta o exercício da liberdade de pensamento, consciência e crença.

- De não violência, que promova o encontro e a solução pacífica das controvérsias.
- Da solidariedade, que promova a criação e a consolidação de uma ordem mundial justa, na qual as diferenças ignominiosas entre privilegiados e desfavorecidos sejam apagadas.
- Da verdade, no âmbito da transmissão da informação e do conhecimento, que erradica as mentiras.
- Da igualdade entre os povos, as nacionalidades, etnias ou identidades sexuais, onde não haja espaço para discriminação.
- Do trabalho, reconhecido como instrumento fundamental da riqueza social, e que seja devidamente remunerado em um ambiente de relações justas e honestas entre empregadores e trabalhadores.
- Que promova o funcionamento democrático no exercício político das nações, com base no sufrágio livre e transparente, e que defenda a erradicação de regimes autoritários ou tirânicos, independentemente do signo ideológico com o qual se identifiquem.
- De amor e compreensão entre os seres humanos, que se comprometa a vencer o egoísmo com

a generosidade, a maldade com a prática do bem, o ódio com o exercício do perdão e a agressividade com a ternura.

Conceitos como esses, e muitos outros que podem ser acrescentados, integram o que chamamos de espiritualidade ética de orientação espírita, baseada na cultura da plenitude do amor. Uma espiritualidade que nos conduza a um estado de libertação interior, de harmonia conosco mesmos e com os outros. Uma espiritualidade que nos motive a estarmos sempre disponíveis e sensíveis para sintonizar, a partir da nossa melodia interior, com todas as melodias da vida e da natureza.

5

SOCIOLOGIA ESPIRITUAL

Preocupação espírita com os problemas humanos

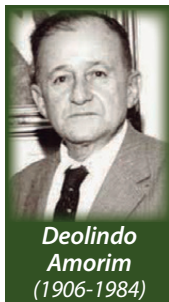
Uma compreensão justa das teses espíritas, das quais deriva um conhecimento holístico do binômio espírito-matéria, do Ser em suas múltiplas fases encarnadas e desencarnadas, do homem como uma entidade biopsicossocial-cultural-ambiental-espiritual, permite apreender a vasta extensão do fenômeno humano e desmentir aqueles que confinam o espiritismo a uma mera especulação metafísica sobre questões do além. A grande maioria dos pensadores espíritas se dedicou a essa tarefa esclarecedora. Estas foram as palavras acertadas do escritor brasileiro Deolindo Amorim, personalidade notável da cultura kardecista e humanista, em um de seus livros mais conhecidos:

"O espiritismo tem relação com todos os problemas humanos. Os problemas que competem, por exemplo, à sociologia, história, economia política e outras áreas, correspondem, sem dúvida, à esfera da existência material, porque estão vinculados ao que nós, na Terra, denominamos de "vida de relação". Mesmo quando não se trate propriamente de problemas espíritas (porque a natureza do espiritismo já foi definida por si mesma na denominação de sua doutrina), não deixam de apresentar pontos de contato com o espiritismo.



VOCÊ SABIA?

Preocupado em dar ao estudo do espiritismo uma maior fundamentação filosófica e pedagógica, com a intenção de superar os sistemas elementares de 'doutrinação' ou 'evangelização', Deolindo Amorim promoveu no Rio de Janeiro, em 1957, a criação do Instituto de Cultura Espírita do Brasil, em cujas salas de aula os professores desempenhavam uma função didática por meio de programas regulares de ensino espírita, com recomendações bibliográficas adaptadas aos temas que eram estudados.



**Deolindo
Amorim**
(1906-1984)

Não poderia ser de outro modo já que sendo o homem espírito e matéria, o espiritismo também é uma doutrina que possui duas ordens de pensamento: o espiritual e o humano. E ambos se complementam". (AMORIM, 1951, P.31).

O capítulo terceiro de *O Livro dos Espíritos*, texto fundamental da doutrina espírita, intitulado *Leis Morais*, pode ser considerado um verdadeiro tratado sociológico e político, que começa com uma discussão sobre as relações do homem com Deus e continua com uma análise das relações do homem com seus semelhantes no contexto da organização social em que se desenvolvem. Confirma, portanto, que a filosofia espírita não se ocupa somente em especular sobre Deus ou a imortalidade espiritual, mas é eminentemente prática e normativa, na medida em que aponta diretrizes gerais que orientam a vida do homem em sociedade.

Com o bom senso didático que o caracterizava, Kardec considerou o conjunto geral das leis morais dividido em dez leis específicas: Lei de Adoração, Lei do Trabalho, Lei da Reprodução, Lei da Conservação, Lei de Destruição, Lei de Sociedade, Lei do Progresso, Lei de Igualdade, Lei de Liberdade, Lei de Justiça, Amor e Caridade. Essa divisão *"não tem nada de absoluto, como também não o têm os outros*

sistemas de classificação, que dependem do ponto de vista a partir do qual uma coisa é considerada", deixava claro o autor (KARDEC, 1992, p. 238), mas ajuda muito a ter uma visão panorâmica sobre os deveres e aspirações do ser humano em sua relação com Deus e com o mundo em que vive. O conhecimento dessas leis confirma o espiritismo como uma valiosa fonte de ensinamentos não apenas no que se refere à vida extracorpórea, mas também sobre tudo o que diz respeito aos assuntos e problemas da vida encarnada, e demonstra que, neste ponto, a doutrina espírita transmite uma sensação de frescor e atualidade, uma vez que os conceitos que expõe estão de acordo com as mais recentes teorias sociopolíticas de natureza humanista, e diversos pontos parecem ter sido escritos recentemente.

As lições espíritas derivadas dessas leis nos induzem a pensar que a própria noção de progresso deve ser redefinida, uma vez que um desenvolvimento tecnológico e econômico que não se traduz em um mundo melhor e em uma qualidade de vida integralmente superior não pode ser considerado progresso, assumindo esse valor como uma conquista evolutiva do espírito, obtida pela concomitância entre inteligência e moralidade.

A caminhada rumo a um estado de progresso geral da humanidade é lenta, incessante, difícil e acidentada, porque envolve vencer o egoísmo e o orgulho, os principais obstáculos colocados nesse caminho pela própria natureza humana. Para acelerar a trajetória, são necessários compromisso e vontade. A consciência dolorosa da persistência da fome e da miséria, das desigualdades, bem como da violação dos direitos humanos no mundo, afetando principalmente os mais pobres, obrigam-nos moralmente a formar seres humanos sensíveis às necessidades do próximo e às injustiças que sofrem. O indivíduo egoísta, isolado, que quer tudo para si, deve dar origem a um cidadão altruísta, solidário, que se preocupa com aqueles que sofrem e têm carências, sem negligenciar as suas próprias demandas. É necessário, portanto, substituir a cultura do ter-possuir pela cultura do cuidar-compartilhar. Ter e possuir, como fins em si mesmos, tornou-se a base da sociedade materialista e mercantilista em que vivemos, onde tudo nos induz a consumir mais e nos envolve na cultura do descartável, do facilmente substituível, em todos os aspectos da vida, e quase se pode dizer que invade até mesmo o âmbito das relações pessoais.

Um proeminente estudioso contemporâneo do espiritismo, Ricardo de Moraes Nunes, reflexivo e culto defensor do kardecismo como visão laica, humanista e progressista, se expressa nesse mesmo sentido:

“Em O Livro dos Espíritos encontramos diversas teses de caráter político e social. Se não encontramos um livro partidário no sentido de tomar partido no que se refere às disputas pelo poder daquele momento histórico, encontramos uma obra que aborda questões políticas e sociais extremamente relevantes e ainda pertinentes nos dias de hoje. O Livro dos Espíritos não é um livro metafísico que busca subtrair o homem de sua realidade concreta. Observamos na obra fundadora da filosofia espírita a discussão de diversos temas sociológicos importantes. Questões como a liberdade de pensamento, igualdade das mulheres, direitos de propriedade, organização social e muitas outras estão presentes ali por meio de reflexões avançadas tanto por parte dos espíritos quanto de Allan Kardec”. (NUNES, 2020, p.8).

A missão do espiritismo, além do conhecimento e autoconhecimento da dimensão espiritual do ser humano, tende à formação integral das pessoas, para que não apenas se comovam perante os

problemas da realidade, mas sejam motivadas a transformá-la, pois não basta se preocupar com a maldade que existe no mundo, é urgente ocupar-se para erradicá-la.

Espiritismo, democracia e progresso social sem vínculos partidários

Em consonância com a perspectiva humanista e progressista do pensamento espírita, encontramos as lúcidas reflexões, com profundidade de natureza filosófica e sociológica de recorte humanista, que o jornalista e escritor Milton Medrán Moreira tornou conhecidas em diversas crônicas publicadas no jornal Opinião, que dirigiu com grande sucesso durante trinta anos (1994-2024), onde deixava claro que o espiritismo, como um estudo global do homem encarnado e atuante em determinada organização social, também se dedica ao estudo de questões políticas, mas sem aderir a parcialidades partidárias. Em uma de suas crônicas perspicazes, cujo um título não deixa margem para ambiguidades: *"O compromisso do espiritismo com a democracia"*, o autor analisa as relações e consequências que surgem da visão social espírita e reafirma seu compromisso com uma sociedade futura onde se combinem e se enriqueçam mutuamente a liberdade

e a justiça, dentro de um sistema político de caráter democrático, inequivocamente oposto a qualquer regime autoritário e ditatorial:

“O espiritismo não é uma doutrina política. Trata-se, de fato, de uma doutrina filosófico-moral, nascida da experimentação científica sobre o fenômeno da comunicabilidade dos espíritos. Em sua vasta obra, Allan Kardec (1804-1869) não demonstrou nenhuma preocupação com teorias políticas sobre o exercício do poder, suas formas, divisões de atribuições, métodos de eleição de governantes, etc. Mas, por essa razão, não deixou de abordar as grandes questões éticas necessariamente inerentes ao exercício do poder, como a responsabilidade moral daqueles que detêm autoridade em todas as instâncias da vida e as virtudes que deveriam adornar a personalidade de seus detentores. Com a figura metafórica da “aristocracia intelecto-moral”, idealizou a sociedade do futuro, liderada por homens e mulheres com elevados dons intelectuais, conhecimento e moralidade, indispensáveis para a ordem e o progresso dos povos.

É nesse contexto que o espiritismo, embora não seja uma teoria política, se inseriu desde o seu surgimento. A democracia, portanto, é parte integrante da proposta espírita e não pode ser

separada dela, sob a pena de abrir caminho para o autoritarismo, antônimo da liberdade; para a injustiça, inimiga da igualdade; e para a primazia do orgulho e do egoísmo, que dificultam a construção do espírito de fraternidade". (MEDRÁN MOREIRA, 2020, p. 2).



Referências básicas de uma doutrina social espírita

O conhecimento do espírito em suas diferentes fases evolutivas, encarnadas e desencarnadas, cujo processo interexistencial ocorre em um contínuo biopsicossocioespírita, representa o núcleo forte e a razão de ser do espiritismo, em cujas teses centrais existe uma cosmovisão bem estruturada, que possui formidáveis possibilidades de oferecer uma compreensão correta do homem integral e da complexa e dinâmica realidade que o cerca.

No marco de uma visão holística, a preocupação com as variadas condições em que vive ou

sobrevive o ser encarnado, constitui uma das áreas do conhecimento espírita que possui maior relevância e oportunidade, e sobre a qual nem sempre os conceitos foram abordados com a devida propriedade. Interpretações errôneas de natureza fatalista ou determinista, vinculadas a uma interpretação tendenciosa da noção de 'provas' ou 'expições', ou de justificativas 'cármicas', nas quais se recorre à noção antropomórfica de um deus que premia ou castiga, têm aparecido com frequência na literatura espírita, provenientes tanto de autores encarnados quanto desencarnados, reduzindo significativamente as potencialidades transformadoras e libertadoras da doutrina espírita.

O perfil autônomo da proposta sociológica espírita

Acreditamos ser conveniente, e até mesmo urgente, recuperar para o espiritismo a força e o frescor de sua mensagem renovadora e apresentá-lo como uma opção relevante e atual diante das exigências que caracterizam a sociedade do século XXI. Convém, portanto, definir os princípios ou coordenadas que orientam o que normalmente chamamos de doutrina social do espiritismo, e

para essa tarefa exigente é indispensável que os estudiosos dessa disciplina se esforcem ao máximo para refletir e combinar, em um exercício intelectual frutífero, seus sólidos conhecimentos, sua sensibilidade social e sua impecável honestidade em relação às posições que defendem e às conclusões a que chegam. A doutrina social espírita não deve ser contaminada por posições ou preferências que sejam alimentadas por ideologias ou correntes de pensamento político que sejam estranhas ao seu caráter e natureza autênticos. Uma leitura ou releitura das obras de Allan Kardec, Léon Denis, Amalia Domingo Soler, Cosme Mariño, Manuel Porteiro, Deolindo Amorim ou Herculano Pires, entre os autores mais relevantes, parece-nos altamente recomendável para nos alinharmos com o propósito de fornecer a devida configuração espiritualista, laica, humanista, livre-pensadora, plural, dinâmica, transformadora, progressista e autônoma à proposta sociológica espírita.

Observando o panorama geral das ideologias de caráter sociopolítico ao longo dos últimos séculos, constatamos que as direções gerais dos sistemas propostos se opõem com maior ou menor intensidade dependendo do peso que seja atribuído a determinadas afirmações nas áreas políticas,

sociais ou econômicas, como a liberdade, justiça e igualdade, ou às relações entre estado e mercado, bem como do maior ou menor peso atribuído a esses fatores fundamentais. Em termos gerais, o espectro de posições é tão amplo e variado que se estende desde as formas de livre comércio extremo, com a consequente minimização do papel do estado e da esfera pública, passando por uma gama muito diversa de alternativas vinculadas ao liberalismo social, até as concepções intervencionistas do estado, com a consequente redução ou aniquilação da atividade econômica privada.

Liberdade econômica, equidade e justiça social

Em nossa opinião, claramente situada na centralidade e distanciada dos extremos, o espiritismo se declara inequivocamente a favor da liberdade individual e social; da liberdade de pensamento, de consciência, expressão e associação lícita; do pleno exercício dos direitos humanos sem exceção; do respeito pela dignidade de todas as pessoas, independentemente de sua idade, nacionalidade, identidade sexual, cor da pele ou condição cultural; opõe-se a qualquer sistema ditatorial, de qualquer orientação política, rejeitando categoricamente o

dilema de que é necessário privar o homem de sua liberdade para alcançar outros bens mais tangíveis e imediatos. Confrontar essa falsa escolha, que mais de uma vez já seduziu grandes massas e causou graves consequências, convoca um constante exercício reflexivo e uma imensa responsabilidade de todos nós que não queremos nem aceitamos que os seres humanos continuem a se encontrar na terrível alternativa de abrir mão de sua liberdade em troca de um pedaço de pão ou segurança.

Ao mesmo tempo, e no mesmo nível dentro da hierarquia dos valores supremos, o espiritismo coloca a necessidade de alcançar uma vida plena sustentada na igualdade e na justiça social. Não podemos deixar no esquecimento o panorama do mundo contemporâneo, no qual se destacam os enormes problemas que afligem centenas de milhões de seres humanos que a duras penas sobrevivem em vastas regiões da África, Ásia e América Latina. Não se pode permanecer indiferente perante o contraste entre os países industrializados do hemisfério norte, que, sob diferentes sistemas políticos, alcançaram um desenvolvimento econômico espetacular baseado em altíssimas taxas de produtividade, progresso constante e variedade ilimitada, resultando em uma impressionante mudança nos costumes e

na facilidade da vida social, e, em contraste, uma parcela significativa das nações do hemisfério sul, cujos povos parecem ficar resignados a vegetar na mais inquietante miséria, confinados à produção de algumas poucas e vulneráveis matérias-primas, permanecendo estagnados e privados das possibilidades de progresso, bem-estar coletivo e fortalecimento econômico e político.

Haverá solução? Qual é o caminho? Não existem respostas fáceis, mas à luz do espiritismo a proposta adequada tem que vir de um fortalecimento das alternativas efetivas da liberdade, por meio de sistemas de governo que tenham como objetivo supremo e inalienável a preservação da plena autonomia dos indivíduos, mas que construam com ela, como instrumento fundamental, o progresso econômico coletivo e a justiça social. Uma liberdade assim concebida, que, mediante a eficiência administrativa, a honestidade na alocação e gestão dos recursos públicos, o aproveitamento integral dos recursos naturais em conformidade com os princípios ecológicos, a elevação dos níveis de produção e produtividade, consiga não só reduzir substancialmente as desigualdades sociais, mas também aumentar e expandir constantemente a produção de riqueza e o bem-estar de todos os

habitantes. Este caminho é o mais idôneo para proporcionar maior felicidade às pessoas e estimular relacionamentos baseados na prática da fraternidade e na vivência do amor fraternal.

Esses objetivos só podem ser alcançados no âmbito de sociedades livres, onde funcionem de forma equilibrada o mercado e o estado, e onde o capital e o trabalho possam desempenhar seus respectivos papéis. O máximo de mercado que seja possível, o máximo de estado que seja necessário! Este princípio representa a síntese do que geralmente se denomina uma economia social de mercado, a qual só pode ser aplicada em sociedades democráticas e plurais. Por sua vez, as posições extremistas, sejam neoliberais ou as que se baseiam no socialismo marxista, respondem a concepções errôneas em seus fundamentos teóricos, quando não a interesses obscuros de indivíduos, partidos ou movimentos, e sempre que são postas em prática em exercícios concretos de governo, terminam em verdadeiras catástrofes. É que, ao contrário dos contos de fadas, a aplicação desses modelos nunca tem um final feliz, e toda a experiência histórica confirma essa fatalidade.

Conquistar a liberdade política com eficiência econômica, equidade e justiça social constitui o

maior desafio que enfrenta atualmente a sociedade moderna. O mais irrenunciável e precioso dos bens do homem é a liberdade, e suas aspirações mais profundas são a igualdade e a justiça. São termos compatíveis que se fecundam mutuamente. Não é possível admitir, à luz de uma perspectiva ética como a adotada pela doutrina social espírita, que sejam colocados como categorias antinômicas. Se assim fosse, o destino da humanidade seria irremediavelmente trágico, e as promessas finais de todas as doutrinas políticas e dos sistemas edificados sobre seus pilares, não seriam nada mais do que uma cruel falácia.

Insistimos que o desafio do pensamento espírita, daquele que possa legitimamente se apresentar como humanista e progressista, é conciliar a liberdade política com a eficiência econômica e a justiça social. E conseguir isso em curto prazo. E a essas aspirações soma-se a combinação do progresso material com o progresso moral, oferecendo uma expectativa razoável em torno de um futuro brilhante para a humanidade. Kardec confirma isso com sua habitual perspectiva otimista e esperançosa:

“À medida que a civilização se torna mais perfeita, faz cessar alguns dos males que criou, e todos

eles desaparecerão com o progresso moral".
(KARDEC, 1992, p.280).

O que aprendemos no espiritismo nos encoraja a pôr fim à trindade socioeconômica do consumismo desenfreado, da competição feroz e da destruição cruel da biodiversidade, em favor de uma trindade bioética de consumo de acordo com as necessidades reais, que promova a solidariedade e a fraternidade entre todos e o cuidado amoroso com a natureza, suas floras e faunas. Se fosse aplicado esse novo modelo, com suas profundas raízes humanistas e progressistas, os recursos naturais do planeta seriam protegidos em benefício das gerações presentes e futuras, e seria implantado um sistema de justiça econômica e social sustentado na liberdade, igualdade, fraternidade e democracia, imprescindível para que haja compreensão e progressos concretos dentro da comunidade humana, entendida como uma irmandade.

6

POR UMA EDUCAÇÃO DE BASE HUMANISTA

Humanismo e tecnologia

Costuma-se dizer e repetir que o século XXI é a era da informação, caracterizada por uma expansão vertiginosa da digitalização, que em poucos anos transformou o mundo, desde o surgimento dos telefones celulares, da internet e das redes sociais, até a irrupção da inteligência artificial com todas as suas enormes e inimagináveis possibilidades e consequências. Diante dos novos desafios, é imprescindível voltar o olhar para a educação para insistir que ela não deve sucumbir à pressão de se transformar em um instrumento de formação voltado unicamente para a produção e o consumo, ignorando ou subestimando o seu objetivo inegociável que é e deve continuar sendo

a formação integral das pessoas, combinando o conhecimento, a ciência e a tecnologia com a ética, o humanismo e a busca pela espiritualidade.

Em nenhum caso se trata de opor a educação humanista ao avanço científico e tecnológico. O que se aspira é que os centros educacionais, de ensino fundamental, médio e superior, assumam um renovado compromisso com o ensino e a promoção do conhecimento humanístico e sapiencial, vinculado à filosofia, história, literatura ou artes, em convivência com a formação baseada nos conhecimentos proporcionados pela ciência e tecnologia. A função essencial dos centros educacionais é formar cidadãos cultos e solidários, dotados de pensamento crítico, fraternos, prestativos e dispostos a dar sua contribuição para o bem-estar geral.

Humanismo e utilidade econômica

Na defesa do valor universal da educação, o humanismo impugna o vínculo, que alguns queriam que fosse prioritário, entre a educação universitária e a utilidade econômica, argumentando que onde houve um grande investimento, existe o direito de obter um grande benefício. Diante de uma concepção comercial que enfatiza o interesse financeiro da educação, o

humanismo reafirma, antes de tudo, a importância do próprio saber como elemento definidor da personalidade, para o qual é imprescindível fomentar o gosto pela leitura, pela escrita e pelas artes, incentivar o pensamento independente e aproveitar as potencialidades da memória para argumentar, raciocinar e relacionar ideias diversas.

Precisamos enfrentar a tendência de converter as instituições educacionais em empresas que vendem títulos, diplomas e graus acadêmicos, com os quais os jovens conseguirão empregos imediatos e rendimentos atraentes. Não se trata de contestar a gestão correta e eficiente dos orçamentos destinados à educação, especialmente à educação pública, nem de permitir desperdícios ou qualquer forma de corrupção administrativa, com o que ninguém poderia concordar. Mas é necessário enfatizar que a essência do espírito educativo reside na qualidade da pesquisa e do ensino, e que isso é concebido como um serviço à população e não como um privilégio dos setores socioeconômicos mais favorecidos. Esse conceito não deve se limitar à educação pública, mas pode ser aplicado à educação privada por meio da concessão de bolsas de estudo e outros incentivos. O que deve ser reafirmado como princípio inquestionável é que o

livre acesso à educação, desde o ensino fundamental até a universidade, deve ser baseado na gratuidade do ensino e neste conceito fundamental: para atingir os objetivos educacionais, os representantes das instituições, além da *quantitas* (quantidade) devem se interessar pela *qualitas* (qualidade).

A educação não deve ser considerada um gasto, mas sim um investimento indispensável, pois até mesmo o que não tem preço pode ter um grande valor, e tudo deve contribuir para a realização da utopia de um mundo melhor para seus habitantes, um mundo sustentável e produtivo, sem deixar de ser profundamente solidário.

No entanto – e isto deve ser afirmado com absoluta clareza – as definições precedentes não devem ser colocadas ao serviço de determinadas tendências ideológicas que, devido à natureza radical da sua visão política, entendem a educação como um laboratório de engenharia social e doutrinação, distorcem o progresso social que deve ser alcançado de forma legítima e honesta através da educação e acabam por mergulhar a população, particularmente os jovens, na desmotivação ou na mediocridade. Uma educação genuinamente humanista é perfeitamente compatível com uma

cultura de esforço e mérito, o desejo de superação, a busca pela excelência, a recompensa aos alunos que alcançam os melhores resultados acadêmicos, o empenho em atingir os objetivos mais difíceis e o aprendizado de como recomeçar após um fracasso. É louvável ter como princípios básicos que ninguém fique para trás e todos progridam, que todos tenham oportunidades e que os melhores alunos sejam inspirados pela solidariedade, descartem o egoísmo e ajudem seus colegas de classe.

Para concluir estas breves considerações sobre a prevalência dos princípios humanistas aplicados à educação, mencionamos uma comovente anedota atribuída a Sócrates, o notável filósofo e educador, e é referida pelo escritor romeno Emil Cioran em sua impactante obra *Desgarradura*. Conta-se que, enquanto Sócrates se encontrava a espera para receber a cicuta, se exercitava com uma flauta para aprender uma melodia. Um de seus discípulos perguntou-lhe qual seria a utilidade de aprendê-la, e sua resposta foi toda uma lição filosófica e de admirável simplicidade sobre o sentido da existência e a compreensão do que é realmente útil para o espírito:

“Para saber esta melodia antes de morrer”.
(CIORÁN, 1979, p.67)

O que é realmente educar?

Convém recordar que a palavra educação vem do verbo latino educere, que tem o sentido de “extrair”, “trazer à luz”, “fazer surgir”, portanto, o trabalho do verdadeiro educador consiste em lapidar a pedra bruta que inicialmente se apresenta em cada aluno até que se torne a obra de arte que se encontra em seu interior, entrando em contato com suas íntimas fibras espirituais. É assim como o educador, inspirado pela melhor tradição socrática, se torna parteiro da personalidade e escultor de almas. Em alguém que compreende e assume a importância de sua missão, consciente de que ela não se esgota ao transmitir conhecimento ou promover o desenvolvimento de determinadas habilidades e capacidades, mas sim visa formar indivíduos nobres, honestos e autênticos.

O processo educativo envolve a participação do educador e do educando, cada um com seus respectivos papéis, constituindo um binômio ensino-aprendizagem que se sustenta em uma atividade dialógica: o professor não atinge seu objetivo de ensinar se o estudante não está disposto a aprender, e, por sua vez, enquanto ensina, o educador aprende, verificando-se um ritmo dinâmico e interativo entre ambos.

Na educação, como no geral acontece em qualquer outra atividade da vida, o entusiasmo é o ponto de partida. O professor que ministra suas aulas com paixão frequentemente inspira muitos de seus alunos, que por sua vez inspiram outros. Embora seja verdade que a geração atual demonstra certa falta de entusiasmo, os estudantes ainda assim mantêm a capacidade de se entusiasmar e distinguem facilmente entre os professores que ensinam com frieza ou apatia e aqueles que o fazem com interesse e inclusive com paixão. Os estudantes detectam quais professores se importam com eles e quais não, quais acreditam neles e quais não esperam muito deles, e até entendem que a falta de exigências por parte de um professor, em vez de ser um sinal de benevolência, é um sinal de comodismo ou indiferença. Daqui a alguns anos, aqueles que são estudantes hoje se lembrarão e agradecerão aos professores que os prepararam para enfrentar adequadamente os desafios da vida.

A educação de base humanista promove uma atitude próxima e humilde por parte do professor, juntamente com o reforço da estima e da autoridade sem autoritarismo. Espera-se que o professor saiba mais do que o aluno e que sua missão é compartilhar seus conhecimentos, mas isso deve ser

feito sem humilhações ou despezos, despertando a curiosidade e facilitando o diálogo. Os estudantes esperam que seus professores sejam competentes, cultos, agradáveis, respeitosos, pontuais, claros, simples, gentis, razoáveis e dispostos a ouvi-los e ajudá-los. Obviamente, o professor deve inspirar respeito e ser reconhecido por ocupar uma posição, mantendo a distância necessária, mas, naturalmente, sem falsas atitudes ou arbitrariedades. De fato, o educador que adota a tríade 'estima-confiança-exigência' geralmente motiva e promove nos alunos um sentimento de correspondência que é essencial no diálogo entre ensino e aprendizagem.

O autêntico educador orienta seus ensinamentos para acender a chama em seus alunos, para motivar sua autonomia e não sua submissão, para estimulá-los à criação e à descoberta que surgem do questionamento da realidade de cada dia e do questionamento constante de si mesmos, em vez de restringir sua criatividade pela repetição de dogmas ou fórmulas. O educador é um ourives de almas, uma parteira do espírito.

Ser professor é também ser estudante. O exercício docente exige uma contínua revisão e atualização dos conhecimentos. Provavelmente,

um dos pontos essenciais que mantém viva a chama desta profissão está bem representado naquela virtude que os antigos latinos chamavam de studiositas, ou seja, o compromisso com o estudo constante impulsionado pelo desejo de conhecimento.

Mesmo assim, não basta que o professor consiga transmitir seu entusiasmo aos alunos, demonstre a sua confiança e os faça compreender o sentido da matéria que leciona, se não for capaz de utilizar uma metodologia que realmente coloque o verdadeiro aprendizado ao alcance deles e fomenta o desejo de superação. Muitas vezes essa queixa dos alunos é ouvida nas salas de aula: “O professor conhece sua matéria, mas não sabe transmitir”. Com a máxima humildade, o educador deve mudar os métodos quando seja aconselhável, ser mais criativo, aprimorar suas habilidades de comunicação e tornar a transmissão do conhecimento útil, atualizada, agradável, diversificada e rica em nuances, até despertar o interesse de seus alunos, que serão os primeiros a agradecer-lo.

A avaliação é um elemento imprescindível de todo processo de ensino-aprendizagem. É necessário avaliar e atribuir notas, com as quais se obtém o

feedback sobre o nível de compreensão e domínio dos conteúdos educacionais ensinados em um determinado curso. Isso é inquestionável. Mas a avaliação nunca é exata ou completamente objetiva. É influenciada por sentimentos e percepções que surgem da relação entre educadores e educandos e está sujeita a inúmeras imprecisões ou equívocos. Nunca deve ser utilizada como instrumento de poder ou coação por parte do professor, mas sim como um instrumento de serviço. Uma forma humanista de entender a avaliação como valorização, permite não enfocar tanto na nota de um exame específico, mas no desenvolvimento do próprio processo, assegurando que este não se limite a uma mera verificação de resultados e à sua sanção social, mas seja considerada uma oportunidade de novas aprendizagens e um elemento fundamental para a remoção de obstáculos que possam impedir o sucesso.

Espiritismo e educação

Será que o espiritismo tem realmente a possibilidade de oferecer uma contribuição significativa para a educação contemporânea? Será possível levar os conhecimentos espíritas para as salas de aula universitárias? Existem elementos conceituais

e de caráter acadêmico suficientes para estabelecer uma Teoria Espírita ou uma Pedagogia Espírita? Essas e outras questões demandam respostas fundamentadas em estudos, pesquisas, reflexões, alternativas e propostas programáticas.

É verdade que já foram publicadas excelentes obras, especialmente nas últimas décadas, muitas delas apresentadas como teses para a obtenção de graus acadêmicos, pós-graduações e doutorados em universidades de reconhecida categoria acadêmica, e que mereceram uma alta avaliação. Isso ocorreu principalmente no Brasil, país onde o espiritismo alcançou o maior alcance quantitativo e qualitativo, e onde apresenta uma considerável implantação social e cultural. Além disso, o funcionamento de algumas escolas espíritas ou instituições de ensino superior que se identificam direta ou indiretamente como espíritas, e de cátedras universitárias onde o conhecimento dos postulados espíritas está incluído no currículo, representa uma conquista importante em uma sociedade onde os preconceitos de ordem materialista ou religiosa gravitam sobre esses sinais de abertura para visões não dogmáticas e não tradicionais.

O sistema pedagógico que o jovem Hippolyte Léon Denizard Rivail aprendeu em Iverdum, na Suíça, na escola criada por Johann Heinrich Pestalozzi, foi aplicado em seus primeiros livros sobre educação, aritmética e gramática, e foi com base nessa mesma didática que ele se orientou para escrever os textos, assinados com o pseudônimo de Allan Kardec, que dariam forma e sustentação filosófica ao espiritismo, como resultado das experiências mediúnicas que realizou em Paris a partir de 1855.



**Johann Heinrich
Pestalozzi**
(1746-1827)



Allan Kardec
(1803-1869)

Já desde os primórdios do espiritismo, Allan Kardec se preocupou com a questão educacional e escreveu diversos textos sobre o assunto, nos quais se pode perceber a influência deixada no pensamento do jovem Rivail por seu professor Johann Heinrich Pestalozzi, digno herdeiro de uma tradição pedagógica que remonta a Comenius e Rousseau. Em *O Livro dos Espíritos* encontram-se suas próprias definições que remetem à sua formação pestaloziana: “a educação é a arte de formar o caráter” ou “a educação é o conjunto de hábitos adquiridos” (item

685a), bem como afirmações categóricas sobre os objetivos essenciais do ensino: “Só a educação pode reformar os homens” (item 796), ou esta máxima relativa à eliminação do egoísmo denunciado como o pior flagelo social através da educação: “Mas não se trata desta educação que visa formar homens instruídos, mas sim a que visa formar homens de bem” (item 917), em que se estabelece como missão educativa a combinação da instrução geral com a prática de valores morais, ou seja, a educação do pensamento e o cultivo dos sentimentos. Em outras obras e em *A Revista Espírita*, Kardec apresentou ideias e reflexões que serviriam para estabelecer os fundamentos de um vínculo necessário e indissolúvel entre o espiritismo e a educação.

Experiências na Espanha, Brasil e Argentina

Convencidos da importância do espiritismo para a educação, um grupo de cinco deputados das Cortes espanholas, que se identificavam com os postulados espíritas, apresentaram em 1873 uma emenda ao projeto de reforma do ensino geral na Península Ibérica que estava em discussão, e propuseram que o estudo do espiritismo fosse incluído nas universidades nos programas das faculdades de Filosofia e Letras. A queda da Primeira República

em 1874 interrompeu a discussão daquela emenda que, pela primeira vez, colocava a discussão sobre o espiritismo na esfera política e educacional de um país. (MÉNDEZ BEJARANO, 2020, pp.360-361).

No Brasil, desde o início do século XX e adiante, muitos pensadores e educadores espíritas têm se dedicado a escrever valiosos ensaios com o objetivo de moldar uma Pedagogia Espírita, que sirva de base acadêmica para a fundação de escolas, institutos e universidades espíritas, e também para a incorporação de cátedras de estudos espíritas que possam ser incluídas nos programas educacionais oficiais. Provavelmente, a criação do Colégio Allan Kardec na cidade de Sacramento, MG, em 1907, constitui uma das experiências mais bem-sucedidas nessa direção. Idealizado e dirigido pelo Professor Eurípedes Barsanulfo, este Colégio encaixava-se perfeitamente em um modelo de humanismo espiritual inspirado em Pestalozzi, no qual predominava a relação afetiva entre educadores e educandos, as aulas eram participativas, não havia castigos corporais nem humilhações, o ensino formal era complementado pelo conhecimento das artes, pela prática desportiva e pelo contato com a natureza, e eram oferecidas instruções morais retiradas dos ensinamentos espíritas e de outras tradições espirituais.

Entre os estudiosos espíritas que se dedicaram ao estudo e à fundamentação de uma pedagogia de orientação espírita, propondo um diálogo entre esta e a cultura acadêmica, é obrigatório mencionar Anália Franco, Ney Lobo, Tomás Novelino e Herculano Pires. E em nossos tempos, a voz mais influente no campo da pedagogia espírita é a da educadora brasileira Dora Incontri, cuja sólida formação acadêmica e espírita, aliada à sua mentalidade livre-pensadora e postura crítica, conferem ao seu extenso trabalho intelectual e ao seu empenho na criação de instituições baseadas no modelo pedagógico espírita um valioso reconhecimento no cenário educacional brasileiro. Reunimos estas palavras, que aparecem como um resumo em seu livro recente, *Kardec para o século 21*:

“A Editora Comenius e a Associação Brasileira de Pedagogia Espírita têm se empenhado, a primeira desde 1998 e a segunda desde 2004, em lançar obras, congressos, debates, seminários, assessorar pesquisas e projetos, e formar pessoas em estudos de pós-graduação em pedagogia espírita. A criação da Universidade Livre Pampédia também é um projeto nesse sentido de produção de conhecimento e formação de estudantes dentro da visão pedagógica espírita, lembrando que não se trata de uma ideia proselitista”. (INCONTRI, 2024, p.222)

Também é muito justo mencionar o esforço realizado no âmbito da CEPA (antiga Confederação Espírita Pan-Americana e agora Associação Espírita Internacional CEPA) para promover a educação espírita no país e a criação de escolas espíritas por instituições que se dedicam ao estudo e à divulgação da filosofia kardecista. Ao longo de sua existência, a CEPA adotou o lema “Educar para o porvir” como um de seus principais slogans, visando à criação de escolas para crianças, jovens e pais, com o objetivo primordial de transmitir os conhecimentos acadêmicos e os princípios morais enfocados à luz do espiritismo, dentro de uma visão laica, livre-pensadora, humanista, progressiva e progressista, livre de modelos baseados em critérios punitivos ou salvasões místicas.

Em 1966, a CEPA designou a Escola Espírita para Crianças da “Sociedad Espiritismo Verdadero” de Rafaela, Argentina, como Escola Piloto. Os programas elaborados por educadores espíritas, como foi o caso da professora Monserrat Plensa de Vercesi, fundamentam-se na compatibilidade entre as grandes teorias pedagógicas, como as propostas em seu tempo por Comenius, Rousseau ou Pestalozzi, as experiências das escolas Montessori ou Waldorf, as contribuições de inúmeros filósofos, psicólogos

ou educadores de orientação humanista, como John Dewey, Édouard Claparède, Jean Piaget, Paulo Freire, Laurence Stenhouse, Edgar Morin, Fernando Savater, e os postulados espíritas organizados por Kardec, que são perfeitamente aplicáveis nos melhores sistemas educacionais. O livro *Educar al espírito*, escrito por professoras espíritas de Rafaela, constitui um magnífico exemplo de quanto o espiritismo pode contribuir para a educação da humanidade. (DRUBICH y CULZONI, 2012).

Educando o espírito

Toda a educação espírita se concentra em educar o espírito, o ser integral que anima cada criatura humana, uma síntese de pensamento, sentimento e vontade. Criado simples e ignorante, o espírito inicia sua jornada evolutiva tendo como horizonte a perfeição. Utiliza a encarnação, ocupando e animando diferentes organismos em inúmeras ocasiões ao longo de milênios, e vai desenvolvendo suas potencialidades através da aquisição de conhecimentos e habilidades, em um complexo processo de socialização. Um processo de aprendizagem que é simultaneamente exógeno e endógeno, de fora para dentro, através do que

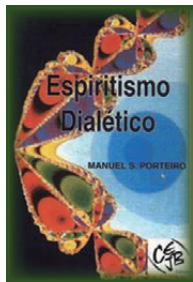
vai incorporando em cada existência, e de dentro para fora, através do que vai revelando a partir dos impulsos e tendências que brotam de sua memória ancestral.

O espírito armazena, nas profundezas inconscientes de sua memória palingenésica, múltiplos conhecimentos nascidos de suas diversas experiências encarnatórias, que se expressam de forma sintetizada em impulsos, crenças, vocações, afinidades, gostos, preferências, orientações, antagonismos, preconceitos, bem como traumas, dores e sofrimentos.

Em cada nova encarnação, o processo educativo se inicia no berço, contando com os pais e outros familiares como os primeiros educadores, continua na escola com os ensinamentos transmitidos pelos professores e vai se expandindo e se tornando mais complexo nas relações sociais. O objetivo ideal é que cada pessoa seja educada na busca da verdade, no exercício da reflexão aplicada ao seu autoconhecimento, no fortalecimento de sua autonomia e liberdade, na expansão de sua consciência através da prática do amor, da bondade, da solidariedade e da fraternidade, tendo como meta a sua própria felicidade enriquecida pela felicidade dos outros.

A educação espírita do espírito, aplicada na família, na escola e na sociedade, dispõe de uma ampla visão que transcende os limites temporais e espaciais e, por meio dela, pode conectar de forma dinâmica e integradora o que o espírito traz consigo com o que o espírito vai adquirindo em cada nova encarnação, no âmbito de um processo contínuo de formação de sua personalidade, no qual ele vai se construindo no plano psicológico e, ao mesmo tempo, vai se tornando um sujeito social e um cidadão ativo e participativo. Essa mesma ideia foi magistralmente exposta pelo grande pensador espírita argentino Manuel Porteiro em *Espiritismo dialético*, sua principal obra:

“O indivíduo está relacionado à família, esta ao povo, o povo à nação, a nação à humanidade, esta à Terra e a Terra ao Universo. O homem, como tal, desenvolve-se historicamente dentro da sociedade humana e, enquanto espírito, desenvolve-se cosmicamente, através de múltiplas existências, materiais ou etéreas”. (PORTEIRO, 1960, p.145).





VOCÊ SABIA?

Manuel Porteiro (1881-1936) é uma referência imprescindível quando se deseja compreender a visão do espiritismo a partir de uma perspectiva dialética. E chama muito a atenção que tendo desempenhado desde a infância os trabalhos mais humildes e que apenas aos seus dezoito anos aprendeu a ler e escrever, ele tenha desenvolvido uma admirável paixão pelo conhecimento a partir da leitura das obras de Allan Kardec, que foram seguidas por outros escritores espíritas e de outras correntes filosóficas.

Foi um verdadeiro exemplo de autodidatismo que não só o tornou uma pessoa de formação cultural singular, mas também lhe permitiu a dominar a arte de escrever com correção e beleza, tanto em prosa quanto em verso, como evidenciado por seus livros *Espiritismo dialético*, *Conceito espírita da sociologia*, *Origem das ideias morais* e seu belo poema *Palingenesia*.

O aforismo kardecista: “Nascer, morrer, renascer, progredir sem cessar” sintetiza muito bem a relação de continuidade que se estabelece na dinâmica do espírito, transitando por fases alternadas de encarnação e desencarnação e seus respectivos

intervalos. Partindo desse princípio como base, a educação espírita constitui todo um sistema de formação e orientação para crianças, jovens e adultos, a partir de uma perspectiva holística, ética e profundamente humanista, que conecta o passado, o presente e o futuro de cada ser no conjunto da humanidade, para impulsionar o seu progresso geral.

Embora partindo de diferentes concepções filosóficas, muitos pensadores ao longo da história do pensamento universal concordaram com a ideia de que a vida só pode ser compreendida olhando para trás, mas deve ser vivida olhando para frente, e essa noção adquire um significado mais pleno quando se inscreve na perspectiva de um Ser espiritual transcendente e interexistente, em cuja psique estão conectadas e inter-relacionadas as suas experiências de vidas passadas com os aprendizados e aquisições da vida presente, constituindo a base biopsíquica sobre a qual suas existências futuras deverão se configurar, dando continuidade ao seu eterno e contínuo processo de aperfeiçoamento. no y continuado proceso de perfeccionamiento.

7

ELOGIO DA PAZ

Paz interior e paz social

Em tempos de conflitos gravíssimos que se desenvolvem em várias partes do planeta e com enormes perdas de vidas, parece ingênuo falar em paz, mas na realidade ela nunca foi tão urgente, por razões de sentimentos básicos de humanidade, solidariedade e fraternidade.

Entendida em todas as suas dimensões, a paz não é apenas a ausência de guerra ou o silêncio das armas: significa também a harmonia da alma, tranquilidade, felicidade, liberdade, equidade, justiça e prosperidade. Esses são valores muito importantes para a existência, mas infelizmente permanecem ausentes em uma grande parte da população, que não compreende que a paz social

no mundo está intimamente relacionada à paz interior, e que conviver em paz se tornará realidade mais facilmente no dia em que cada pessoa, a partir de sua perspectiva única e de forma consciente e motivada, buscar primeiro a tranquilidade dentro de si e, em seguida, dedicar seu espírito e vontade à busca da harmonia geral.

Portanto, torna-se imprescindível que a educação em casa e na escola promova uma cultura de paz baseada nos princípios da não violência e da cooperação entre indivíduos, povos e nações, no cumprimento do direito internacional, no respeito pela integridade territorial das nações, bem como na resolução pacífica de todos os conflitos, por meio da negociação, mediação, arbitragem ou outras fórmulas que a diplomacia possa aplicar.

Não às guerras

Agora que se passaram cinco lustros do século XXI, é chocante e inaceitável que, em diversas regiões do planeta, guerras estejam sendo travadas entre países ou entre grupos étnicos, religiosos ou políticos, devido a ambições expansionistas, mercantilistas ou por deploráveis ódios ancestrais, nas quais armas de última geração são utilizadas,

causando destruição em massa entre as populações que ficam presas e afetadas por todos os tipos de atrocidades. A posição humanista do espiritismo, que sempre condenou os conflitos bélicos e os crimes que são cometidos sob seu pretexto, une sua voz à de todos os setores que clamam pela cessação imediata dessas atividades bárbaras e cruéis, bem como pela assistência social, de saúde e psicológica para crianças, mulheres, idosos, doentes, prisioneiros e todos aqueles que sofrem as consequências dessas calamidades.

A voz humanista do espiritismo exorta que as campanhas por uma paz geral e duradoura no mundo sejam proativas em vez de reativas, dentro da estrutura de um grande e sustentado esforço de toda a humanidade para criar uma verdadeira globalização que seja capaz de gerar igualdade econômica, equidade social, liberdade política, felicidade pessoal e, sobretudo, uma consciência moral que promova nobres sentimentos de altruísmo, cooperação, confiança e empatia, pilares sólidos sobre os quais se baseiam a amizade e a fraternidade. As guerras, quaisquer que sejam os motivos apresentados pelos seus responsáveis, atentam contra o progresso e a civilização e devem ser repudiadas. O grande apelo é para trabalharmos

pela paz, motivados pelo ideal maior de um futuro melhor para todos.

A prática diária da tolerância, da compreensão e do diálogo, para afirmar e consolidar a paz entre os povos e as nações, juntamente com a prática de uma pedagogia que estimule a predominância da verdade nos pensamentos, nas palavras e nas ações, constituem o fundamento das sociedades democráticas, as únicas que garantem o estado de direito; a vigência das normas constitucionais; a livre ação política; o pluripartidarismo; eleições justas, honestas e transparentes; a alternância de governantes; a separação dos poderes; e o respeito pelos direitos humanos. Devido a todos esses requisitos que devem ser garantidos em todas as nações, não há lugar nas democracias plenas para os populismos e autoritarismos, mesmo que se disfarcem com qualquer rótulo ideológico.

Paz e direitos humanos

O pleno respeito aos direitos humanos é a garantia mais sólida para o triunfo da paz sobre a violência. Em consonância com sua irrenunciável vocação pacifista, a doutrina espírita identifica-se inequivocamente com o conjunto de obrigações

contidas na *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, adotada em 1948 pela Assembleia Geral das Nações Unidas, cujo fundamento filosófico está perfeitamente resumido no Preâmbulo desta carta de exigências éticas que devem ser atendidas por todos os povos e garantidas por todos os governos:

“Esta Declaração é proclamada como um ideal comum a ser alcançado por todos os povos e todas as nações devem se esforçar, para que tanto os indivíduos quanto as instituições, inspirando-se constantemente nela, promovam, por meio do ensino e da educação, o respeito por esses



direitos e liberdades e, por meio de medidas progressivas nacionais e internacionais, assegurem seu reconhecimento e observância universais e efetivos, tanto entre os povos dos próprios Estados-Membros quanto entre os povos dos territórios colocados sob sua jurisdição”.

Basta citar aqui o primeiro dos 30 artigos que compõem este precioso documento para destacar a

condição humana e os valores inalienáveis e eternos que a exaltam. Garantir que sejam obedecidos e cumpridos por todos os governos do planeta, cada um com seus próprios interesses e orientações ideológicas, é um desafio que exige a consciência dos cidadãos e o compromisso das instituições:

“Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos e, dotados como estão de razão e consciência, devem agir se comportar fraternalmente uns para com os outros”.

A conquista da paz, tanto espiritual quanto social, constitui um dos principais eixos em torno dos quais giram os ensinamentos humanistas do espiritismo, e está em plena consonância com a pregação moral de Jesus de Nazaré e seu apelo à regeneração social inspirada pelo amor ao próximo, fonte de luz para as mentes e os corações das pessoas de boa vontade. Suas exortações para dar de comer a quem tem fome, vestir os nus, ajudar os desamparados, não fazer aos outros o que não gostaríamos que nos fizessem ou estar livre de culpa antes de atirar a primeira pedra constituem um sublime código de amor, paz, justiça, solidariedade e fraternidade de dimensões universais e validade eterna. É em razão desta sintonia que o espiritismo afirma que sua

doutrina moral é semelhante à pregada pelo ilustre nazareno, o “homem incomparável” de Renan e a quem Kardec se referiu com palavras magníficas:

“Jesus é para o homem o exemplo da perfeição moral à qual a humanidade pode aspirar na Terra” (KARDEC, 1992, p.233).

8

POR UMA ECOLOGIA INTEGRAL

Preservação da natureza

É imprescindível ressaltar que todos nós pertencemos à grande família humana e que, para continuarmos existindo, precisamos cuidar e preservar nossa casa comum, o planeta Terra. O ponto de partida reside na conscientização de que tudo está relacionado, de que os seres humanos fazem parte do processo evolutivo e, conseqüentemente, estamos intimamente conectados e influenciamos uns aos outros. Para aqueles que se sentem verdadeiramente conectados a tudo o que existe, constituem princípios inabaláveis o respeito pela vida em todas as suas manifestações, a preocupação com a natureza e o compromisso com o aprimoramento material e espiritual da sociedade.

Admirar e cuidar da grandeza e da beleza da natureza é vital, pois não é aceitável continuar a considerá-la apenas como pano de fundo para as ações do homem, ou como uma fonte de recursos para sua exploração indiscriminada, sem se importar se estes se regeneram ou se esgotam e se extinguem. Quer queira, quer não, o ser humano compartilha um destino comum com a natureza; além disso, dela provém e atinge o auge do ser como sua expressão inteligente, mas não pode separar-se dela e abandoná-la ao seu destino, porque faz parte dela. Portanto, deve dar a devida importância à biosfera e não permitir que a tecnosfera ofusque e arruíne tudo. É imperativo unir esforços para a solução urgente dos problemas decorrentes da poluição da água, do ar e do solo; das mudanças climáticas e do aquecimento global; da erosão do solo; da perda de produtividade em vastas áreas agrícolas; do desmatamento de regiões equatoriais e tropicais; do declínio da biodiversidade; do industrialismo e consumismo desenfreados; do uso indevido dos avanços tecnológicos; da produção de substâncias tóxicas; da corrupção política e econômica; da degradação social e moral; e da deterioração da qualidade de vida. Todos esses fatores têm um impacto profundo no exercício de certos direitos

humanos fundamentais, como o direito à vida, à alimentação, à saúde e ao desenvolvimento.

As soluções para esses problemas complexos são conhecidas, e entende-se a urgência com que devem ser decididas e executadas. Este não é um momento para contemplação ou pretextos, mas sim para a ação. É responsabilidade dos governos e das instituições políticas, econômicas, financeiras e administrativas implementar imediatamente as resoluções adotadas em eventos internacionais e não permitir que elas se tornem letra morta devido à prevalência de interesses obscuros e egoístas que põem em risco até mesmo a nossa própria sobrevivência como espécie. Já não se justificam as declarações ostentosas e subsequentes violações. Não se pode esperar muito mais para que se produza a substituição das energias poluentes por energias naturais e renováveis; é essencial a gestão adequada e diversificada das atividades primárias; é urgente a expansão dos espaços verdes e o uso racional de todos os recursos naturais, assim como a substituição do hábito do desperdício por uma cultura de reciclagem. Cabe também a cada cidadão comprometer-se com uma conduta responsável no que se refere ao pleno respeito ao meio ambiente e conduzir a vida com moderação e austeridade,

evitando o desperdício e a ostentação. Todos nós somos chamados a fazer sacrifícios. Colocar em prática em tempo hábil essas medidas, e muitas outras de alcances variados, contribuirá para a formação de uma humanidade composta por seres felizes que poderão conviver pacificamente em um planeta saudável.

As mudanças climáticas, o aquecimento global e todos os desequilíbrios que ameaçam o equilíbrio ecológico nos colocam diante de um teste civilizacional extremamente exigente. Trata-se de um problema grave e muito complexo, compartilhado por todos os habitantes da Terra e por todos os países, independentemente de seu tamanho, população, nível de renda ou grau de desenvolvimento econômico ou tecnológico. Isso nos obriga a pensar em termos de humanidade global e a buscar soluções compartilhadas, já que não existe uma solução real para ninguém de maneira particular ou isolada.

Ecologia espiritual

À luz do humanismo espírita, a ecologia não é apenas uma questão do meio ambiente, mas tem implicações sociais, políticas, econômicas, bioló-

gicas, psicológicas, éticas e espirituais, com um impacto definitivo no desenvolvimento sustentável da vida em geral e da vida humana em particular. Nesse sentido, a ecologia deve ser entendida como um campo interdisciplinar que integra a consciência ambiental com a vivência e a prática da espiritualidade, baseada em uma conexão empática do espírito com a natureza e o cosmos, cenários nos quais se desenrolam as encarnações presentes, passadas e futuras.

A perspectiva que surge da ecoespiritualidade convoca todas as pessoas a um processo de revisão e purificação de sentimentos, pensamentos e comportamentos, com o propósito de vencer suas paixões baixas, superar o orgulho e o egoísmo, conseguir erradicar o ódio e o desejo de vingança, e limpar a mente de antigos condicionamentos de pecado, culpa e sofrimento, entendendo que estes constituem elementos tóxicos que envenenam o ambiente mental, social e espiritual. Ao mesmo tempo, é um convite para experimentar a agradável sensação proporcionada pela liberdade, paz interior, serenidade de espírito, para desfrutar do silêncio, da experiência do relaxamento, da meditação e da sensação de transcendência, que coloca cada indivíduo em harmonia com o todo.

Para enfrentar com sucesso as dificuldades impostas pelo desafio ecológico em todas as suas dimensões e para impulsionar vigorosamente as atividades de proteção ambiental e humana, é imprescindível que se produza uma rápida mudança de crenças e atitudes. Para isso, é indispensável a formação de uma nova consciência, que envolva o reconhecimento da condição espiritual e transcendente do ser humano; a união da ética com a ciência e a tecnologia; e uma educação que combine o conhecimento com sentimentos, o respeito pela natureza e pela vida com um amor profundo e sincero pelo próximo.

9

A FELICIDADE COMO CAMINHO

De acordo com uma visão dinâmica e renovada do espiritismo, a felicidade é concebida como uma condição de bem-estar pessoal, social e espiritual, e como um objetivo do espírito imortal que só pode ser alcançado gradualmente por meio do avanço intelectual associado ao aperfeiçoamento moral. Na compreensão e aplicação de ambos os processos está a chave para as mudanças que os seres humanos devem vivenciar e internalizar para continuarem ascendendo em sua trajetória em direção ao seu aperfeiçoamento progressivo.

Quando perguntavam a Gandhi qual era o melhor caminho para a felicidade, ele costumava responder que *"não existe um caminho para a felicidade, porque a própria felicidade é o caminho"*. Um

caminho claro, vinculado a um projeto de vida com objetivos alcançáveis por meio do conhecimento, da vontade e da ação.

Obviamente, a felicidade absoluta não é possível de atingir em um mundo onde predominam a violência, o egoísmo, as injustiças, as desigualdade, os interesses particulares, as arbitrariedades e os despotismos de todos os tipos; mas é possível alcançar a felicidade em termos relativos e proporcionais ao esforço despendido, quando as pessoas se conscientizam de que cada existência deve ser aproveitada como uma oportunidade para o aprendizado, a retificação moral, o amadurecimento psicológico e o crescimento em sabedoria e espiritualidade. Necessariamente, essa constatação deve ser não apenas pessoal, mas também social. A **intrafelicidade** (ser feliz consigo mesmo) deve estar ligada à **interfelicidade** (ser feliz em comunhão com os outros), uma vez que o estado de felicidade, embora comece em cada um de nós, só adquire sua plenitude na experiência social, no contexto de uma sociedade boa, livre e justa que seja garantia para todos.

A vida não deve ser concebida como uma experiência sombria pela qual o espírito seja forçado a passar para expiar culpas e pagar dívidas em

sucessivas encarnações, mas sim como o cenário ideal e repleto de oportunidades para progredir. Cada etapa é uma oportunidade e deve ser aproveitada com otimismo e esperança. Não se trata de negar o sofrimento, cuja presença é evidente em todas as esferas humanas e sociais, mas sim de agir com disposição e energia positivas para superá-lo, em vez de adotar uma postura de resignação ou justificação baseada em sua suposta origem em vidas passadas.

A reencarnação não pode ser vista como um castigo de Deus, mas sim como um processo contínuo que facilita o progresso do espírito, animando diferentes organismos corporais em existências sucessivas e inter-relacionadas, de acordo com a dinâmica evolutiva. Naturalmente, a lei da causalidade espiritual opera no entrecruzamento das encarnações de tal forma que a ventura ou o infortúnio são estados relativos e transitórios do espírito, de acordo com o grau de perfeição ou imperfeição de cada um, como consequências diretas ou indiretas de seus acertos ou equívocos, suas ações nobres ou suas faltas.

Dentre os autores espíritas contemporâneos que defenderam de forma mais profunda e clara conceitos dessa natureza, destacamos Jaci Regis,

ilustre pensador e escritor espírita brasileiro, psicólogo clínico e humanista declarado, cujas reflexões apontam para uma atualização conceitual e semântica do espiritismo, para a qual ele propõe o nome de “Doutrina kardecista” ou também “Ciência da alma”, ambos com clara conotação humanista. Ele disse isso em uma de suas obras em relação à felicidade como o objetivo da vida:

“Em um novo dicionário do entendimento, não há lugar para o pecado nem para uma visão dolorosa da vida. Ali se reconhece que a alma humana avança, com seus altos e baixos, rumo a um destino de superação, de apreensão do conhecimento e desenvolvimento de virtudes, pelo próprio fato de viver, morrer e reencarnar”. (REGIS, 2010, p.).

Escritor, jornalista e psicólogo. Referência fundamental do pensamento espírita laico e humanista.



Com o exposto, fica claro que a orientação psicológica de recorte humanista, transpessoal e positiva derivada da doutrina kardecista motiva os seres humanos a se engajarem em um trabalho interior contínuo que lhes permita desfrutar de

uma vida feliz, agradável, otimista e saudável, uma condição ideal para o aperfeiçoamento do espírito através de suas múltiplas encarnações, fazendo uso de sua autonomia moral e impulsionados pelos ditames de sua consciência, diante de uma nova civilização como base de um mundo regenerado.

Graças aos amplos horizontes que revela, o espiritismo nos encoraja a vislumbrar o raio de luz que nos permitirá trilhar um caminho digno ao longo de nossa existência e a manter viva a esperança de que, tornando a humanidade mais humana, alcançaremos maior felicidade para todos. Não faz sentido adiar a legítima aspiração à felicidade para ser desfrutada nos céus ou em colônias espirituais. O objetivo da vida é ser feliz. O lugar para ser feliz é onde você se encontra. O momento de ser feliz é agora.

Espiritismo progressista

Já foi dito e reiterado que os ideais defendidos pelo espiritismo, ligados à exaltação dos sentimentos de solidariedade e fraternidade entre os homens e mulheres que habitam o planeta e à convicção esperançosa e otimista de que a jornada evolutiva da espécie humana aponta inexoravelmente para um mundo superior e cada vez mais avançado em progresso intelectual e moral, definem claramente a doutrina espírita por seu caráter progressista e progressivo. Ambos os adjetivos são construídos etimologicamente a partir do termo progresso, que lhe serve de raiz e que denota em sentido geral tudo aquilo que promove ou favorece o progresso.

Ambas as denominações se encaixam muito bem no espiritismo. Obviamente, estão desvinculados de qualquer viés ideológico que possa gerar confusões caso sejam associadas a determinadas correntes políticas ou partidárias contemporâneas. Em sua legítima concepção filosófica e sociológica, o espiritismo é progressista porque sua razão de ser se alimenta de uma disposição inata para promover o progresso individual e social, intelectual e moral dos indivíduos e da sociedade como um todo. É progressivo porque suas ideias não se baseiam em dogmas de fé, nem constituem verdades absolutas ou imutáveis, sendo suscetíveis de retificação quando argumentos convincentes são apresentados para modificá-las ou adaptá-las às exigências dos novos tempos.

Em relação ao caráter progressista que identifica o espiritismo a partir de uma leitura objetiva de seus fundamentos doutrinários e da adequada compreensão de sua missão regeneradora no mundo, desvinculado de crenças estranhas, misticismo e até práticas supersticiosas que frequentemente lhe foram acrescentadas, parece muito apropriada e oportuna a transcrição das dez considerações contidas no denominado “*Manifesto*

Progressista", apresentado pela Associação Brasileira de Pedagogia Espírita, entidade acadêmica de alto nível dirigida com brilhantismo e acerto pela professora Dora Incontri:

- 1– *Aceitamos como princípios espíritas a existência de Deus, a existência dos Espíritos, a comunicação com eles e a reencarnação, em uma perspectiva de evolução individual e coletiva.*
- 2– *Consideramos Allan Kardec a referência fundamental do espiritismo, entendendo que existem diversas leituras sobre suas obras e que essas diferenças devem ser respeitadas e debatidas fraternalmente.*
- 3– *Vemos o espiritismo como uma filosofia progressista, que não perde a sua identidade e especificidade de espiritualidade racional, quando em diálogo com outras filosofias e com a cultura de cada época histórica.*
- 4– *Compreendemos que o espiritismo está em permanente construção, em diálogo com a pesquisa científica, a reflexão filosófica e a comunicação dos Espíritos, desde que se mantenham de Kardec o espírito crítico, a observação empírica e o princípio ético do desinteresse.*

- 5– Entendemos que a ética espírita – que é a do amor universal, inspirada na ética de Jesus – deve orientar nossas ações individuais e coletivas, em prol da transformação social. Portanto, devemos marcar posição contra a violência de qualquer espécie, trabalhando pela dignidade humana, pela justiça e combatendo o abuso e a sujeição de pessoas, de qualquer idade ou condição.
- 6– Consideramos que as manifestações de médiuns, lideranças e dirigentes espíritas são livres e podem e devem ser analisadas e discutidas de forma respeitosa e racional. O exercício da mediunidade e os postos de liderança não conferem autoridade incontestável em nenhum assunto.
- 7– Rejeitamos a ideia de que o espiritismo seja uma religião institucional. Entendemos que ele propõe uma espiritualidade livre e aberta, com a possibilidade de diálogo com outras tradições espirituais.
- 8– Rejeitamos qualquer tutela institucional sobre o pensamento espírita: a prática, o estudo, as produções e a representação do espiritismo são livres e não são monopólio de nenhuma instituição nacional ou internacional.

- 9– *Consideramos que o diálogo entre todos os espíritas deve ser aberto, empático e construtivo, sem a perda da criticidade e da liberdade de consciência e expressão.*
- 10– *Entendemos o espiritismo como uma proposta pedagógica, que trabalha por uma educação emancipatória de todas e todos para a convivência pacífica, para a justiça e equidade e para a prática de uma espiritualidade amorosa e crítica. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PEDAGOGIA ESPÍRITA (ABPE). 2019.*



VOCÊ SABIA?



ABPE Associação Brasileira de Pedagogia Espírita

A ABPE constitui a referência mais qualificada de uma entidade acadêmica de alto nível que visa estudar, investigar, aplicar e difundir a Pedagogia Espírita, dentro de uma abordagem universalista que propõe uma educação transformadora, integral, aberta ao diálogo com as diversas áreas do conhecimento e em busca de uma espiritualidade livre, aberta, crítica e fraterna.

Por meio da Universidade Livre Pampédia, são apresentadas regularmente ofertas acadêmicas de Cursos e Seminários nos níveis de graduação, pós-graduação e doutorado, e a instituição possui um acervo bibliográfico administrado pela Editora Comenius.

Espiritismo progressivo

Desde sua origem, o espiritismo reconheceu a natureza progressiva de seus ensinamentos, que devem sempre ser comparados com todos os avanços científicos e culturais que sejam produzidos. Pensador inspirado nos valores racionalistas e iluministas, Kardec se pronunciou claramente a favor que o espiritismo fosse revisto e atualizado de acordo com as descobertas da ciência e o progresso geral do conhecimento alcançado em cada época. Em seu *"Projeto de Constituição do Espiritismo"*, publicado em *Obras Póstumas*, ele se referiu ao *"caráter essencialmente progressivo da doutrina"* e propôs a realização de Congressos Espíritos que poderiam se reunir a cada 25 anos para *"estudar novos princípios suscetíveis de adaptação ao corpo doutrinário"* (KARDEC, 1995, p. 240). Conceitos que apontavam na mesma direção já haviam sido esclarecidos em diversos textos, como este encontrado em *A Gênese. Os milagres e as predições segundo o Espiritismo*:

"O espiritismo, avançando com o progresso, jamais ficará para trás, pois se novas descobertas lhe mostrarem que está equivocado em algum ponto, retificará esse ponto, e se uma nova verdade for revelada, a aceitará" (KARDEC, 2017, p. 47).

Em consonância com essa convicção, Kardec alertou desde o início da reflexão que o levaria à fundação e sistematização do espiritismo, a partir da exploração do mundo dos espíritos por meio do diálogo com eles, que estes espíritos não são reveladores predestinados, mas seres humanos desencarnados, com seus acertos e erros, e que, portanto, suas mensagens devem ser consideradas como opiniões particulares e ser submetidas a uma análise objetiva e crítica. Da mesma forma, salientou que os médiuns não são pessoas possuidoras dons divinos ou sobrenaturais, mas intermediários que facilitam o contato entre seres encarnados e desencarnados, utilizando uma gama variada de faculdades psíquicas ultrassensoriais.

Assumida como uma obra humana e não divina, natural e não sobrenatural, dinâmica e não estática, suscetível a ser repensada, revisada, reinterpretada, atualizada e ampliada, a doutrina espírita, fruto do árduo e admirável esforço realizado por Kardec, juntamente com a formidável contribuição de um grupo de espíritos de singular sabedoria e moralidade, não abrangia, nem poderia, a totalidade dos conhecimentos de ordem espiritual ou material, deixando assim um vasto campo aberto para o trabalho posterior dos espíritas e dos espíritos em

termos do que poderia ser alcançado com a reflexão, observação, pesquisa e experimentação.

Tendo transcorrido mais de um século e meio da codificação do espiritismo, um exame profundo e imparcial das ideias expostas em seus textos fundadores nos obriga a diferenciar aquelas opiniões que refletem inequivocamente o contexto sociocultural daquela época e que, portanto, já não satisfazem as demandas do conhecimento contemporâneo, e as teses cardinais que constituem o núcleo duro do pensamento espírita, como Deus, imortalidade, evolução, reencarnação, intercâmbio espiritual, vida universal, que mantêm sua vigência, vigor e atualidade, e também daqueles conceitos correlacionados, como o perispírito, o magnetismo pessoal, a obsessão espiritual ou o animismo, entre outros.

Por não ser uma religião (embora muitos de seus seguidores pensem assim e tenham se esforçado muito para moldá-la dessa forma), mas sim uma filosofia científica e moral, uma doutrina aberta e sem pretensões exclusivistas ou sectárias, que não se apresenta como detentora de verdades absolutas e imutáveis, o espiritismo se mostra disposto a dialogar respeitosamente com todas as correntes do pensamento filosófico, científico, religioso, educacional, psicológico, artístico, ético, sociológico

e político de cada época. Se o intercâmbio de opiniões ocorrer dentro de um espírito ecumênico, certamente resultará no enriquecimento cultural de todos os participantes e em uma convivência fraterna e saudável.

Com base nesses fundamentos, o humanismo espírita estende um convite aberto e plural àqueles que se declarem a favor de uma mudança paradigmática no mundo em que vivemos, que se reflita nas esferas sociais e morais, econômicas e políticas, bem como nas esferas intelectuais, científicas e educacionais. Uma mudança nos modelos epistemológicos que, segundo a visão kardecista, gerará avanços na produção do conhecimento e em sua direcionalidade, passando da análise para a síntese, do pensamento único para o pensamento crítico, do reducionismo para o holismo, do cerebrocentrismo para o espíritocentrismo. Um novo paradigma, em suma, que elimina a lacuna entre a compreensão científica e a espiritual, a qual não só cria obstáculos para a identificação e a compreensão da verdadeira natureza humana como uma entidade biopsicossocioespiritual, mas também é uma das principais causas dos problemas éticos e sociais que afetam seriamente o equilíbrio planetário e o progresso geral da humanidade.

11

HUMANISMO VERSUS TRANSHUMANISMO

A visão espírita propõe um humanismo centrado no espírito, que convoca o diálogo entre o conhecimento científico-tecnológico, a reflexão sobre as ciências humanas e a promoção da espiritualidade. Não é possível enfrentar os desafios presentes e futuros que a sociedade enfrenta sem essa relação indispensável, por meio da qual os principais centros de liderança política, econômica, educacional, cultural e social do mundo, bem como governos de todas as orientações, tomariam as melhores decisões. Conforme o critério espírita, é necessário que a análise crítica humanista e seus critérios éticos sejam integrados ao impulso científico e tecnológico para se obter uma abordagem abrangente, que coloque o ser humano

no centro das atenções. Um ser humano que, visto globalmente, é um espírito que se encarnou em um organismo biológico para configurar uma nova existência, que está em constante interação com um ambiente social que influencia e do qual recebe todo tipo de influências que se somam ao seu arquivo psíquico, uma síntese de suas vivências e experiências em múltiplas vidas anteriores, para moldar uma nova personalidade e continuar avançando em sua trajetória evolutiva.

Seja pelo temor da ocorrência de uma singularidade, ou seja, uma inteligência artificial capaz de extinguir a humanidade da face da Terra, ou pelas aspirações dos chamados transhumanistas, convencidos de que a tecnologia pode superar as limitações biológicas dos seres humanos, inclusive a morte, o fato é que os avanços alcançados nos levam a pensar e refletir sobre o que nos torna humanos, o que nos é único e o que não pode ser reproduzido artificialmente ou transferido para um envoltório mais duradouro, como o espírito, a entidade psíquica que nos concede individualidade, imortalidade, continuidade e transcendência.

A afirmação do espírito envolve, primordialmente, levar em consideração a consciência. Embora

sua natureza permaneça elusiva até hoje, desde Descartes estabeleceu-se que o ser humano é um sujeito pensante, capaz de elaborar um pensamento independente e expressá-lo por meio da linguagem, um ser consciente de si mesmo e do mundo ao seu redor, e como tal, sente-se único, original e próprio. Como seres conscientes e também sencientes, possuímos forças que nos motivam e impulsionam, tornam possível a empatia e expressam o amor, a mais poderosa de todas as forças conhecidas.

Pensamos, sentimos, amamos e, consequentemente, criamos. Temos a capacidade de criar, imaginar e construir outros mundos que, por vezes, são tão reais para nós quanto o mundo físico, tal como acontece com a arte ou a literatura. É verdade que uma inteligência artificial pode produzir textos alimentando-se de textos anteriores e que, por meio do uso de determinados algoritmos, pode tomar decisões, mas não pode substituir a essência espiritual que define o ser humano. É verdade, por exemplo, que já existe uma inteligência artificial capaz de criar uma sinfonia no estilo de Beethoven, o que é sem dúvida muito louvável, mas criar não é o mesmo que imitar. Beethoven compôs interpretando em sua música o espírito do seu século e prenunciava

o seguinte. Isso requer muito mais do que um conjunto de comandos combinatórios. Isso requer uma 'alma', que as máquinas não possuem.

Jamais se deve esquecer que um princípio inerente à condição humana é a liberdade. O ser humano é essencialmente livre, um projeto em contínua construção, um conjunto de escolhas e decisões constantes, em que prevalece o livre-arbítrio do espírito, sem deixar de assumir graus de condicionamento genético ou do ambiente social. E não existe máquina, por mais sofisticada que seja, que goze do maravilhoso atributo da liberdade.

Ter consciência da vida implica também ter consciência da morte e da transcendência espiritual para além das suas fronteiras. Inclusive, muitos que são materialistas a partir uma perspectiva epistemológica por crer que somos feitos apenas de matéria governada por leis fundamentais, reconhecem que em determinadas ocasiões são protagonistas ou testemunhas de experiências transcendentais nas quais chegam a sentir e pensar – como qualquer espiritualista o faria – que fazem parte de algo maior e inefável que os leva a entrar em comunhão com os outros, com a natureza, com o cosmos ou com Deus. São experiências que não

podem ser reduzidas a zeros e uns, nem submetidas a análises quantitativas, e que podem ser integradas sob a noção geral de espiritualidade, que em alguns se identifica com seus particulares sentimentos religiosos, mas em outros se expressa como uma atitude íntima de conexão com a suprema inteligência criadora de tudo o que existe, à margem de dogmas e estruturas eclesásticas.

Em última análise, a espiritualidade é uma dimensão constitutiva do ser humano e, portanto, não está sujeita às tradições religiosas, embora frequentemente derive delas. Basicamente, está ligada a sentimentos e comportamentos, embora possa encontrar a fonte de sua inspiração em figuras paradigmáticas que deixaram sua marca em povos, culturas e crenças em diferentes regiões e épocas do mundo, como Moisés, Jesus de Nazaré, Siddhartha Gautama, Confúcio, Rumi, São Francisco de Assis, Mohandas Gandhi, Teresa de Calcutá, etc.

Não há como ignorar que estamos vivendo na era da cibernética, da comunicação computacional e da engenharia genética, que nos encontramos em meio a uma vertiginosa revolução científica, mas mesmo assim, rejeitamos as pretensões trans-humanistas que preveem e promovem a robotização

dos indivíduos e da sociedade como um todo, como consequência de uma transformação da tecnologia em tecnocracia. E reafirmamos nossa confiança na proposta humanista centrada no reconhecimento do espírito como a essência de tudo o que existe em suas diferentes fases evolutivas, e na afirmação de que a ciência e a tecnologia sempre devem estar a serviço do Homem, isto é, do espírito encarnado, para fornecer respostas aos seus grandes questionamentos e aos desafios impostos pelas atuais crises civilizatórias, alimentares, educacionais, ecológicas e energéticas, bem como aquelas decorrentes pontualmente da pobreza e da desigualdade que afligem milhões de seres humanos, dos sangrentos conflitos armados e das violações dos direitos jurídicos e políticos dos cidadãos subjugados por regimes autoritários e ditatoriais que se disfarçam por trás de enganosas máscaras ideológicas.

CONCLUSÃO

EXORTAÇÃO HUMANISTA À PRÁTICA DO BEM

O principal objetivo deste breve ensaio é oferecer um conjunto coerente de argumentos que corroborem a tese de que o espiritismo é, de fato, um humanismo e que, em qualquer caso, e sob qualquer perspectiva crítica, se admita que ele representa uma vertente específica dentro do amplo espectro que formam as variedades humanistas contemporâneas, com as quais converge na ideia central de uma visão de mundo baseada na centralidade do homem, mas que diverge delas ao reconhecer o ser humano como uma alma encarnada que transcende os limites da existência terrena: que preexiste ao nascimento e à formação do organismo carnal e subsiste após a

sua destruição com a morte. Pelos princípios em que se baseia e aos valores que promove, alguns termos são úteis para localizá-lo com mais precisão, sendo aceitável reiterar que o espiritismo é um humanismo deísta, espiritualista, universalista, reencarnacionista, evolucionista, mediúnico, integral, laico, livre-pensador, progressivo e progressista.

Do fato de ocupar-se tanto do homem encarnado quanto do homem desencarnado é que surge a admirável originalidade ontológica, epistemológica e axiológica que o distingue. Em qualquer das fases interexistenciais em que se encontre, toda criatura humana progride incessantemente, conquistando progressivamente degraus cada vez mais elevados em sua ascensão intelectual, bem como no plano moral, até se tornar aquele homem bom cujas características foram precisamente delineadas por Kardec:

“O verdadeiro homem de bem é aquele que pratica a lei da justiça, do amor e da caridade em sua forma mais pura. Se interroga a consciência sobre as ações que realizou, perguntará a si mesmo se não violou alguma lei; se não fez nenhum mal; se fez todo o bem que poderia ter feito; se ninguém teve que reclamar de dele; em suma, se fez pelo seu próximo tudo o que gostaria que fizessem por ele”. (KARDEC, 1992, p.319).

Um ser humano conquistado pela ideia do bem é aquele que se reconhece como pessoa dotada de razão e dignidade, ao mesmo tempo em que reconhece o seu semelhante em igualdade de condições e direitos. Percorrendo este caminho, todos unidos pela iluminação proporcionada pelo respeito e pelo amor, pela caridade e pela compaixão, a sociedade humana se tornará possível como uma interpenetração solidária de pessoas e não como uma mera assembleia funcional de indivíduos, constituindo assim uma verdadeira comunidade de espíritos dispostos a construir o almejado reino da fraternidade universal.

Aqui reside o desafio colossal que o humanismo contemporâneo convoca, e que o humanismo espírita em particular assume com resolução, entusiasmo e esperança no futuro.

Como o toque final desta obra, nada nos parece mais apropriado do que transcrever o célebre poema "*O Prazer de Servir*", da primorosa poetisa chilena Gabriela Mistral, como fiel expressão de humanismo e espiritualidade, cujos versos nos convidam a superar a cultura do individualismo e promover a cultura da cooperação, constituindo uma preciosa ode ao amor, à ternura e ao serviço, ou seja, aos mais

elevados valores proclamados por um humanismo com raiz espiritual:

Toda a natureza é um anseio de serviço.

Serve a nuvem, serve o vento, serve o sulco.

Onde houver uma árvore para plantar, plante-a você.

Onde houver um esforço que todos se esquivam, aceite-o você.

Seja você quem removeu a pedra do caminho, o ódio dos corações e a dificuldade do problema.

Há alegria em ser puro e em ser justo, mas acima de tudo, existe a bela, a imensa alegria de servir.

Que triste seria o mundo se tudo nele já estivesse feito, se não houvesse uma roseira para plantar, uma obra a se iniciar!

Que não o chamem apenas os trabalhos fáceis, É muito mais belo fazer o que os outros se esquivam!

Mas não caia no erro de que somente há mérito com grandes trabalhos.

Há pequenos serviços que são bons serviços: adornar uma mesa, arrumar uma casa, pentear uma criança.

*Aquele é o que critica. Este é o que destrói.
Seja você aquele que serve.*

O servir não é tarefa de seres inferiores.

Deus, que dá o fruto e a luz, serve.

Poderia ser chamado assim: Aquele que serve.

*E tem seus olhos fixos em nossas mãos e nos
pergunta a cada dia:*

Você vai servir hoje? A quem?

À árvore, ao seu amigo, à sua mãe?

(MISTRAL, 2019, Vol. V, p.183)

A escritora chilena **Gabriela Mistral** (1889-1957) recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1945. Foi a primeira vez que um escritor latino-americano o recebeu, e significou o reconhecimento de uma obra poética de profunda humanidade, sensibilidade e espiritualidade.

Em seus versos privilegiava o uso de uma linguagem simples, clara e emotiva, que se afastava da abstração intelectual para alcançar uma compreensão fácil por parte de todos os leitores, especialmente os mais humildes.



INDICAÇÕES DE LEITURAS DE INTERESSE

KARDEC, Allan. *El libro de los espíritus*. Caracas, Ediciones CIMA, 1992.

LARA, Eugenio. *Breve ensayo sobre el humanismo espírita*. Santos, CPDoc, 2012.

INCONTRI, Dora. *Kardec para o século 21*. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2025.

INDICAÇÕES DE SITES DE INTERESSE

<https://www.un.org>

<https://ethic.es>

<https://fundaciónhumanismoyciencia.org.es>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PEDAGOGIA ESPÍRITA (ABPE). *Manifiesto Progresista*. Bragança Paulista, 2019.

AMORIM, Deolindo. *El espiritismo y los problemas humanos*. Buenos Aires, Editorial Víctor Hugo, 1951.

CIORAN, Emil. *Desgarradura*. Madrid, Lectulandia, 1979.

DRUBICH, Cristina; CULZONI, Paula. *Educar al espíritu: Formar pensadores libres*. Rafaela, CEPA, 2012.

FEDERACIÓN ESPÍRITA ESPAÑOLA. *Libro Resumen del V Congreso Espiritista Internacional*. Barcelona, 1934.

INCONTRI, Dora. *Kardec para o século 21*. Bragança Paulista, Editora Comenius, 2024.

KARDEC, Allan. *El libro de los espíritus*. Caracas, Ediciones CIMA, 1992.

KARDEC, Allan. *¿Qué es el espiritismo?* Caracas, Ediciones CIMA, 1996.

KARDEC, Allan. *El evangelio según el espiritismo*. Caracas, Ediciones CIMA, 1994.

KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. Caracas, Ediciones CIMA, 1995.

KARDEC, Allan. *La génesis: los milagros y las predicciones según el espiritismo.* Buenos Aires, Ediciones CEA, 2017.

LARA, Eugenio. *Breve ensayo sobre el humanismo espírita.* Santos, CPDoc, 2012.

MARIOTTI, Humberto. *Víctor Hugo, el poeta del más allá.* Buenos Aires, Ediciones CEA, 2018.

MEDRÁN MOREIRA, Milton. *"O compromisso do espiritismo com a democracia"*. En jornal Opinião, Porto Alegre, 2020.

MÉNDEZ BEJARANO, Mario. *Historia de la filosofía en España hasta el siglo XX.* Madrid, edición del autor, 2020.

MISTRAL, Gabriela. *Obra reunida.* Santiago de Chile. Ediciones Biblioteca Nacional, 2019.

NUNES, Ricardo de Moraes. *"Política e sociedade em O livro dos espíritos"*. Em jornal Abertura, Santos, 2020.

PORTEIRO, Manuel. *Espiritismo dialéctico.* Buenos Aires, Editorial Víctor Hugo, 1960.

REGIS, Jaci. *"La ciencia del alma"*. Em jornal Abertura, Santos, 2010.

Jon Aizpúrua

Venezuelano, atualmente residindo em Múrcia, Espanha.

Psicólogo clínico. Professor universitário aposentado.

Presidente do Movimento de Cultura Espírita CIMA. Fundador da revista Evolución.

Ex-presidente da CEPA (1993-2000).

Conferencista internacional.

Autor de vários livros espíritas, de psicologia, história e literatura.

Produtor e apresentador de programas de rádio e TV.



Os livros da **Série 2 - Espiritismo e Sociedade** tratam das relações entre espiritismo e temas sensíveis e atuais como política, humanismo, trabalho, racismo, crise climática, sustentabilidade, fundamentalismo religioso, gênero, sexualidades, papel da mulher na sociedade, ideologia e comunicação de massas.

ISBN: 978-65-89240-45-7

CDL



9 786589 240457